REGIANE APARECIDA DA CRUZ

A VOZ QUE "SALVA": A PERSUASÃO POR MEIO DA PROSÓDIA E DA ARGUMENTAÇÃO NO DISCURSO RADIOFÔNICO DE PADRE MARCELO ROSSI

Dissertação apresentada à Universidade de Franca, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Flávia Figueiredo.

FRANCA
2009

Catalogação na fonte – Biblioteca Central da Universidade de Franca

C964v	Cruz, Regiane Aparecida da A voz que "salva": a persuasão por meio da prosódia e da argumentação no discurso radiofônico de Padre Marcelo Rossi / Regiane Aparecida da Cruz ; orientador: Maria Flávia de Figueiredo . – 2009 100 f. : 30 cm. Dissertação de Mestrado – Universidade de Franca Curso de Pós-Graduação Stricto Sensu – Mestre em Lingüística
	1. Lingüística – Discurso religioso. 2. Discurso religioso – Argumentação – Persuasão. 3. Prosódia. I. Universidade de Franca. II. Título.
	CDU – 801.6:82.085:2

REGIANE APARECIDA DA CRUZ

A VOZ QUE "SALVA": A PERSUASÃO POR MEIO DA PROSÓDIA E DA ARGUMENTAÇÃO NO DISCURSO RADIOFÔNICO DE PADRE MARCELO ROSSI

Presidente:	Profa. Dra. Maria Flávia Figueiredo Universidade de Franca
Titular 1:	Prof. Dr. João Hilton Sayeg Siqueira Pontifícia Universidade Católica
Titular 2:	Profa. Dra. Maria Regina Momesso Oliveira Universidade de Franca

Franca, 29/05/2009

DEDICO *a meu marido Gilson, amigo e companheiro de todas as horas, cujo amor e apoio possibilitaram a realização deste trabalho*.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Profa. Dra. Maria Flávia Figueiredo, pela orientação tranqüila, segura e afetuosa que consolidam as marcas deixadas pela sua pessoa;

às professoras-doutoras Maria Regina Momenso e Ana Cristina Carmelino, que compuseram minha banca de qualificação, por suas leituras cuidadosas e seus proveitosos conselhos e sugestões;

às companheiras do curso de mestrado "as meninas do Céu garantido" Rosana Ferrareto, Kátia Moura e Ana Fabióla, pelas leituras atentas, disponibilidade e apoio durante a caminhada;

à Secretaria de Estado da Educação do Estado de São Paulo que, por meio do projeto Bolsa Mestrado, propiciou a realização deste sonho;

às minhas grandes amigas Adriana Inês e Rosana Cláudia, pela paciência, compreensão e pela disponibilidade em me ajudar em momentos difíceis da composição deste trabalho;

a meus familiares, em especial minha mãe, Nair, e minha irmã, Rose, por sua compreensão e constante incentivo;

aos meus filhos Frederico e Heitor, meus tesouros, que, em muitos momentos, foram privados do aconchego materno;

a meu esposo Gilson, meu eterno porto seguro;

a Deus por permitir que todas essas pessoas pudessem fazer parte de minha vida.

A Voz é uma subversão ou uma ruptura da clausura do corpo.
(Paul Zumthor)

RESUMO

CRUZ, R. A. *A voz que "salva*": a persuasão por meio da prosódia e da argumentação no discurso radiofônico de Padre Marcelo Rossi. 2009. 99 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Franca, Franca

Este trabalho tem por objetivo analisar como a Prosódia corrobora os elementos argumentativos no discurso do Padre Marcelo Rossi, um representante carismático da igreja católica. Para essa análise selecionamos como *corpus* um bloco do programa de rádio "Momento de fé" intitulado "A Viagem". O discurso radiofônico religioso tem como característica ser dramatúrgico e nele a voz é um dispositivo fundamental no processo persuasivo. Sendo assim, partimos da hipótese de que o enunciador, ao proclamar seu discurso em um veículo radiofônico, tem consciência de que o desempenho de sua voz é papel fundamental na enunciação e por isso cria, em sua pregação, uma performance vocal aliada aos argumentos retóricos para atingir seu objetivo principal: a adesão de seu auditório. A partir da perspectiva teórica da Prosódia, que na linguística atual refere-se ao conjunto de fenômenos fônicos que se localizam além da representação segmental linear dos fonemas, selecionamos quatro elementos para análise: a tessitura e a qualidade de voz, que se referem à variação da altura melódica, o volume, que se refere à variação da intensidade sonora e a pausa, que se refere à variação da duração, todos analisados a partir da função pragmática que desempenham. A função pragmática trata das atitudes do falante e pode variar de acordo com sua intenção. Para fundamentação teórica utilizaremos as teorias argumentativas contemporâneas (PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 2005) e (REBOUL, 2004), bem como as concepções de (ARISTÓTELES, s/d) e, para ressaltar a importância dos elementos prosódicos na constituição da persuasão, empregaremos (BOLLELA, 2006) e (CAGLIARI, 1992). A coleta de dados foi feita a partir da audição dos textos e de sua transcrição. Para a verificação dos marcadores prosódicos, a análise contou com o apoio dos *softwares* Praat 4.6.12 e Sound Forge 8.0. Pudemos compreender, por meio de nossa análise, que o discurso do nosso orador edifica-se, sobretudo, em seu *ethos*, na imagem pré-construída de um "Padre jovial, atual e piedoso". Observamos também que existe uma preocupação constante em manter essa imagem. Valendo-se da mesma, Padre Marcelo vai traçando na "Viagem" um percurso envolto por paixões. Essas paixões são desencadeadas principalmente pelo uso da figura retórica *Hipotipose*, que consiste numa descrição tão fervorosa e emotiva de algo ou alguém por parte do orador de modo a evocar, imagisticamente, no auditório a projeção ou representação mental das imagens suscitadas. Percebemos, ainda, que os elementos retórico-argumentativos presentes no discurso de Padre Marcelo Rossi estão entrelaçados e mantêm uma relação de interdependência com os recursos prosódicos. Pudemos confirmar que Padre Marcelo pauta seu discurso na emotividade, na crença já estabelecida do seu auditório particular, e que a prosódia por ele apresentada é fundamental no "fazer -crer" pois ajuda a superar a ausência física do orador durante o processo discursivo.

Palavras-chave: Prosódia; Argumentação; Discurso Religioso; Persuasão.

ABSTRACT

CRUZ, R. A. *A voz que "salva"*: a persuasão por meio da prosódia e da argumentação no discurso radiofônico de Padre Marcelo Rossi. 2009. 99 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Franca, Franca

This research aims at analyzing how prosody corroborates the argumentative elements in the discourse of Priest Marcelo Rossi, a charismatic representative of the catholic church. For this analysis, we have selected as *corpus* one session of the radio show "Moment of faith" entitled "The Journey". The religious discourse in the radio has drama as a relevant characteristic and voice is a fundamental device in the persuasive process. This is why we have set the hypothesis that the speaker is aware of his voice performance as a role in the discourse and thus he creates, in the sermon, a performance joined to the rhetorical arguments in order to reach his main goal: his audience's support. By using as theory the prosody, which in current linguistics refers to the phonetical phenomena set based on the suprasegment of phonemes, we have selected four elements for the analysis: pitch and voice quality, which refer to melodic pitch variation; volume, which refers to intensity variation; and pause, which refers to duration variation. All have been analyzed in its pragmatics function, which is about the speaker's attitudes and which varies according to his intention. In order to develop this research, we have found the theoretical linguistic approach in Perelman and Olbrechts-Tyteca (2005); Reboul (2004); Aristotles (s/d); Cagliari (1992) and Bollela (2006). The data collection and the transcription of the lectures were made with the help of *softwares* such as *Praat 4.6.12* and *Sound Forge 8.0.* We have learned that our speaker's discourse is built up over his *ethos*, a pre conceived image of a "young devout up-to-date priest". We have also found out that there is a constant concern on maintaining this image. Due to such image, Priest Rossi keeps developing his "Journey" engaged on passions. These passions are mainly unleashed by the use of the rethoric figure called *Hipotipose*, which consists on a zealous emotional description of something or someone in order to remind his audience of an image by mentally representing or projecting it. Besides, we have concluded that the rhetoric-argumentative elements present in the priest's discourse are tied together and keep a relationship of interdependence with the prosodic resources. We could confirm that Priest Rossi's discourse lies on emotion, on the belief already established of his private audience, and that his prosody is fundamental in the "do-believe" discourse because it helps overcome the physical absence of the speaker during the discoursive process.

Key words: Prosody; Argumentation; Religious Discourse; Persuasion.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Censo Demográfico IBGE 16

Figura 2 – As funções linguísticas dos elementos suprassegmentais prosódicos 30

Figura 3 – A informalidade 52

Figura 4 – O silogismo 55

Figura 5 – A hipotipose 59

Figura 6 – Hipotipose e a *Pathos* 61

Figura 7 – A hipotipose e a performance vocal 62

Figura 8 – O *Ethos* de escolhido 65

Figura 9 – O *Ethos* de superioridade 66

Figura 10 – O *Ethos* de piedoso 69

Figura 11 – Argumento de definição 71

Figura 12 – Argumento de modelo 75

Figura 13 – Argumento de antimodelo 77

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....11

1 DISCURSO RELIGIOSO.....14

1.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CATOLICISMO NO BRASIL.....16

1.2 PADRE MARCELO ROSSI E A EVANGELIZAÇÃO ELETRÔNICA.....17

1.2.1 Momento de Fé.....19

1.3 GÊNERO RADIOFÔNICO.....20

1.3.1 Linguagem Radiofônica.....21

1.3.2 Programa Radiofônico com cunho religioso.....22

2 NOS MEANDROS DA PROSÓDIA, DA RETÓRICA E DA ARGUMENTAÇÃO: NOSSO ARCABOUÇO TEÓRICO.....24

2.1 A VOZ.....24

2.2 PROSÓDIA.....26

2.2.1 Elementos prosódicos.....28

2.2.2 Funções desempenhadas pelos elementos prosódicos.....29

2.2.3 A tessitura.....31

2.2.4 A pausa.....32

2.2.5 O volume.....33

2.2.6 A qualidade de voz.....33

2.3 RETÓRICA.....35

2.3.1 O auditório.....36

2.3.2 As construções éticas e patéticas no discurso.....37

2.3.3 *Ethos*.....38

2.3.4 *Pathos*.....40

2.3.5 As figuras retóricas 42

2.3.6 Tipos de argumentos.....43

2.3.7 Técnicas argumentativas.....44

2.3.8 Argumentos quase-lógicos.....44

2.3.9 Argumentos baseados na estrutura do real.....45
2.3.10 Argumentos que fundam a estrutura do real.....46
3 ANÁLISE.....47
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....81
REFERÊNCIAS.....84
ANEXO I – Normas do NURC**...**.....88
ANEXO II – Transcrição.....90
ANEXO III – CD áudio: A Viagem.....100

INTRODUÇÃO

Esta introdução tem por objetivo apresentar os princípios norteadores da elaboração de dissertação de Mestrado em Linguística sobre os aspectos prosódicos e argumentativos do discurso radiofônico do Padre Marcelo Rossi. Nela constam o tema, a justificativa, o objetivo e as hipóteses da pesquisa. Apresentaremos também a fundamentação teórica do nosso trabalho e uma síntese dos capítulos que compõem este estudo.

Nossa pesquisa se propõe a analisar linguisticamente como são utilizados os elementos prosódicos e seus efeitos durante o processo retórico-argumentativo no discurso religioso de Padre Marcelo Rossi. Por se tratar de um tema pouco pesquisado, tentaremos de certa forma contribuir para melhor compreensão dos estudos linguísticos relacionados à Prosódia e os efeitos por ela produzidos no discurso.

A motivação pelo discurso religioso oral deu-se, ainda, durante a especialização. O interesse em desvendar, a organização discursiva daqueles que eram protagonistas da chamada, "democratização da fé", instigava e alimentava nossa curiosidade de pesquisadora. A curiosidade pelas questões ligadas à voz e ao poder que essa exerce no ser humano vinha de longa data. As idéias de que a voz é a expressão dos nossos sentimentos, de que ela expressa nosso estado de espírito, e principalmente que ela emana do fundo da alma sempre foram norteadores de nossas conjecturas.

Posteriormente, incluída em um grupo de pesquisa da Universidade de Franca, liderado pela Profª.drª. Maria Flávia Figueiredo, que tem como foco a intersecção entre aspectos prosódicos e argumentativos no discurso oral religioso, vislumbramos aquele que então pareceu o casamento perfeito: Prosódia e argumentação no discurso religioso. Faltava-nos então decidir pelo orador, o que não foi difícil: Marcelo Rossi o conhecido "Padre pop-star", o campeão de ibope em todos os seguimentos midiático foi o escolhido.

Apesar do fato de as questões religiosas terem sido alvo de constantes investigações no campo social, psicológico ou retórico, o que difere nossa pesquisa das

demais é o fato de tentarmos "casar" todas estas questões, porém trilhando um terreno pouco desvendado: a junção da Prosódia aos elementos retórico-argumentativos com vistas à persuasão. Acreditamos que a Prosódia, vista como um "tesouro" a ser explorado em níveis teóricos e práticos, permite com a aplicabilidade de seus recursos, aprimorar as habilidades de comunicação e uma maior adesão do auditório.

Esta pesquisa se insere no campo de "intersecção entre a língua e o discurso" (SCARPA 1999, p.8). Buscando verificar como se dá linguisticamente o processo discursivo de Padre Marcelo Rossi, tentaremos mostrar: como é construído seu discurso; quais elementos retórico-argumentativos estão presentes neste discurso; e como os recursos prosódicos corroboram esses elementos durante o processo persuasivo,

Privilegiamos, em nossa análise, quatro elementos prosódicos: a tessitura e a qualidade de voz, que se referem à variação da altura melódica o volume, que se refere à variação da intensidade sonora e a pausa, que se refere à variação da duração, esses últimos analisados a partir da função pragmática que desempenham. A função pragmática trata das atitudes do falante que podem variar de acordo com sua intenção. Os demais elementos prosódicos serão mostrados no decorrer da análise quando sua presença for relevante.

Partimos da hipótese de que o enunciador, ao proclamar seu discurso em um veículo radiofônico, tem consciência de que o desempenho de sua voz é papel fundamental na enunciação e, por isso, cria uma performance vocal aliada aos argumentos retóricos para atingir seu objetivo principal: a adesão de seu auditório. Presumimos que a intenção do locutor está presente na sua oralidade, e um dos recursos que acreditamos ser um dos mais importantes na expressão oral é a prosódia, que carreia boa parte dos traços fonéticos que revelam a atitude do falante.

O *corpus* selecionado para nossa pesquisa abarca trechos do programa radiofônico com cunho religioso "Momento de Fé" que datam de 04.09.2006 a 06.09.2006. Elegemos para análise apenas o bloco intitulado "A viagem", pois, nas palavras do próprio apresentador: "*este é o ápice do programa*", pois, "*é o momento em que vamos ao encontro de Jesus*". Esse programa vai ao ar diariamente das 9h às 10h para todo Brasil, através das emissoras afiliadas da Rádio Globo de São Paulo. O apresentador é o padre carismático Marcelo Rossi. Para coleta de dados, contamos com a ajuda da Rádio Difusora de Franca,

que gentilmente efetuou a gravação em seus estúdios, o que garantiu um material livre de ruídos e outras interferências.

Na análise, partimos inicialmente da Argumentação. Uma vez localizado o argumento, passamos então para a identificação do que acontece prosodicamente naquele momento. Esse processo se deu através da audição constante da fala do nosso informante bem como da utilização da transcrição feita a partir das normas do projeto NURC/SP. Em seguida, com o auxílio do programa computacional *Praat* 4.2.18 desenvolvido por Paul Boersma e David Weenink no Departament of Phonetcis of the University of Amsterdam, buscamos comprovar aquilo que verificamos com nossa percepção auditiva.

São três os capítulos que compõem a exposição teórica e analítica:

O primeiro trata da constituição do discurso religioso e do panorama atual do catolicismo no Brasil. Neste capítulo discorremos acerca do *corpus* escolhido e também sobre o informante selecionado. Além disso, traçamos algumas considerações gerais sobre o gênero radiofônico.

O segundo capítulo versa sobre a fundamentação teórica utilizada: para um levantamento das características suprassegmentais e dos aspectos prosódicos apresentados durante o discurso, apoiamo-nos nos estudos de Bollela (2006), Cagliari (1992), Scarpa (1999), M. Mateus (1996), Massini - Cagliari (2001) entre outros. É importante ressaltar que a análise, no que tange a argumentação e retórica, se deu a partir do escopo teórico de Aristóteles, das concepções da Nova Retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), dos conceitos de Meyer (1998), Reboul (2004), Tringali (1988), Citelli (2005), entre outros.

O terceiro capítulo constitui-se da análise propriamente dita, na qual procuramos entrelaçar a teoria ao *corpus* buscando tornar mais visível o nosso objeto de análise.

Enfim, esperamos que nossa pesquisa possa contribuir para o avanço no conhecimento sobre Prosódia. Entretanto, não pretendemos exaurir o tema e sim despertar o interesse sobre o assunto, pois os elementos prosódicos e a função que eles desempenham no discurso são parte de uma área da Linguística ainda pouco explorada no Brasil.

1 DISCURSO RELIGIOSO

Sabia que a religião é uma linguagem?
Um jeito de falar sobre o mundo...
Em tudo, a presença da esperança e do sentido...
Religião é tapeçaria que a esperança constrói com palavras.
E sobre estas redes as pessoas deitam.
É. Deitam-se sobre palavras amarradas umas nas outras.
Como é que as palavras se amarram?
É simples.
Com o desejo.
Só que, ás vezes, as redes de amor viram mortalhas de medo.
E tudo se faz com as palavras e o desejo.
Por isto, para se entender a religião,
é necessário entender o caminho da linguagem. (RUBEM ALVES, 1984)

Com base nesta reflexão é fácil perceber que o mundo da religião é um mundo lingüístico. Sendo assim, antes de efetuarmos a descrição do *corpus* específico da presente pesquisa, qual seja o discurso radiofônico proferido pelo Padre Marcelo Rossi, buscaremos esclarecer algumas características peculiares do discurso religioso em geral, sem as quais nosso trabalho ficaria, conceitualmente, lacunar.

O discurso religioso se constitui por textos orais e escritos que tratam da doutrinação religiosa buscando sua validade e fundamentação nas escrituras sagradas. Conforme Orlandi (1996), identificam-se à voz do padre ou do pregador, como aqueles em que fala a voz de Deus. Citelli (2004, p. 61) denomina esse processo de "discurso de autoria sabida".

Assim, o discurso do orador e sua possível intenção de persuasão são camuflados por dizeres divinos. Esta estratégia discursiva, além de enaltecer, dar autoridade e credibilidade tanto para o orador quanto para o discurso em si, tornam o discurso "forte", baseado em dogmas, portanto inquestionável, e resguarda o enunciador no ato discursivo.

> Enquanto no discurso dos homens se abre a possibilidade de ocorrer uma reversão no processo comunicativo (emissores e receptores podem interagir), no discurso religioso tal procedimento se torna impossível. Interagir com quem? Com Deus? Sabemos, no entanto, que isso é impossível, porém ficamos com a "ilusão" do reversível, dado que os representantes de Deus na Terra parecem falar por ele. Podemos interagir, na melhor das hipóteses, com entidades de segundo grau, os pastores, por exemplo, que não sendo donos da fala (eles só reproduzem ou interpretam), dão a impressão de serem sujeitos do discurso. (ORLANDI apud CITELLI, 2004, p. 48)

Dessa forma se instaura a ilusão da reversibilidade: "como se fosse sem nunca ser" (ORLANDI, 1996 p. 253). O orador reveste-se desse "poder" e cria um discurso autoritário que se fundamenta na fé. Dessa forma, o auditório é levado a seguir, a acatar os ensinamentos e os preceitos transmitidos por ele e atingir a salvação ou contrariar a doutrina e viver na exclusão e no pecado.

Nascimento (1993, p. 53) considera que o homem, ao ritualizar, toma a palavra de Deus para si e, com isso, passa a ocupar o lugar do divino. Assim, "a palavra de Deus e a palavra do homem ritualizado tornam-se inseparáveis no ato de produção de sentido".

O homem moderno vivencia uma série de problemas sociais, psicológicos, econômicos e, diante dessas contradições e pressões, ele tenta se equilibrar e acaba por buscar alívio para suas "dores" nas vozes que se intitulam "escolhidas", ou ainda, busca conforto em discursos que prometem soluções milagrosas para seus problemas.

Todo esse processo corrobora o surgimento de diversos segmentos religiosos e de seitas que prometem a libertação e a chave para a salvação. Antes, este tipo de discurso hiperbólico e com função de linguagem apelativa era considerado como característica apenas de algumas religiões, mas no atual panorama religioso observamos que variados segmentos lançam mão de tais instrumentos, valendo-se de uma linguagem mais apelativa para conquistar e manter os fiéis adeptos. O catolicismo não atuou diferente das demais religiões. No intuito de deter o crescimento de alguns segmentos, expandir suas concepções religiosas e recuperar fiéis, ele também adere a essa nova roupagem de catequização.

1.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CATOLICISMO NO BRASIL

Nas últimas décadas, a igreja católica perdeu sua supremacia dentre as religiões brasileiras. O quadro do recenseamento demográfico do IBGE de 2000 abaixo elucida o crescimento das igrejas evangélicas e comprova a transformação no panorama religioso nacional.

Censo demográfico	Católicos	Evangélicos pentecostais	Evangélicos de missão	Total de evangélicos	Outras religiões	Sem religião
1970	91,8	-	-	5,2	2,5	0,8
1991	83,3	3,2	3,4	9,0	3,6	4,7
2000	73,9	10,6	5,0	15,6	3,2	7,4

Figura 1 – Censo demográfico IBGE
Fonte: IBGE, 2000.

Percebemos, segundo a pesquisa do IBGE, que o número de católicos diminuiu 19,49 % em três décadas enquanto o número de evangélicos cresceu cerca de 200% no mesmo período. A cúpula da igreja católica através do documento da CNBB n° 68.105, passa então a promover encontros e seminários sobre a diversidade religiosa no Brasil, visando definir uma estratégia pastoral para frear o crescimento evangélico e pentecostal no país. Para fazer face ao avanço assustador das igrejas evangélicas nas conquistas de potenciais seguidores e reverter essa situação, as pregações religiosas ultrapassam os muros dos templos e se instauram em diversos segmentos da mídia.

A disputa por fiéis seguidores faz com que os diversos segmentos religiosos busquem elementos que atraiam e que seduzam seu auditório. Contrariando o pensamento radical defendido ainda por parte da igreja católica, fortalece-se no Brasil o movimento denominado Renovação Carismática Católica (RCC), um movimento católico surgido nos Estados Unidos na década de 1960. Esse movimento é direcionado para a experiência pessoal com Deus, particularmente através do Espírito Santo e dos seus dons. Ele tem o intuito de dar uma nova roupagem às formas de evangelização, buscando renovar a tradição dos ritos e da mística católicos.

Os padres simpatizantes desse movimento diferenciam-se dos outros, que fazem parte da ala conservadora da Igreja, pela forma dinâmica que conduzem as celebrações religiosas. Eles cantam, dançam, movimentam a platéia, criam coreografias e conseguem transformar o ritual religioso em um espaço que facilita a performatização da palavra de fé.

Nesse cenário de resgate de novos fieis, surge na Igreja católica, Padre Marcelo Rossi, sacerdote que se tornou fenômeno de mídia e cultura de massas. Ícone da igreja católica, é uma figura importante nessa resposta institucional, pois não se restringe a um único grupo midiático para transmissão da sua mensagem religiosa.

1.2 PADRE MARCELO ROSSI E A EVANGELIZAÇÃO ELETRÔNICA

> *É provável que os profetas tenham sido os primeiros a compreender a ambivalência da religião; ela se presta a objetivos opostos, tudo dependendo daqueles que manipulam os símbolos sagrados. Ela pode ser usada para iluminar ou para cegar, para fazer voar ou paralisar, para dar coragem ou atemorizar, para libertar ou escravizar*.(RUBEM ALVES 1984, p.102)

O sacerdote ganhou considerável projeção pela desenvoltura com que presidia as missas e pelas coreografias que criava para acompanhar as músicas, a então chamada "aeróbica do Senhor". Devido à sua formação em educação física e por ter trabalhado por algum tempo como *personal trainer,* o Padre apresenta vigor físico de atleta e vale-se disso durante a celebração das missas para cantar, dançar e convida o público para acompanhá-lo em uma espécie de ginástica de louvor.

A estréia de Marcelo Rossi na chamada "evangelização eletrônica" aconteceu em 1996, na Rádio Canção nova. E a partir daí tornou-se um fenômeno, um verdadeiro "pop-star", expressão recorrente na linguagem jornalística para se referir a ele. A diversidade de meios de comunicação utilizados entre o padre e seus fiéis é apontada por Carranza (2006) como uma das causas da projeção e do prestígio do padre. A autora declara:

> Dentre as molas que alavancaram a ascensão do fenômeno midiático do Pe Marcelo se encontram sua sintonia com as mudanças culturais do final da década de 1990 e os mecanismos de comunicabilidade que foram ativados na construção social de sua fama (CARRANZA apud TEIXEIRA & MENEZES, 2006, p.79).

Padre Marcelo Rossi não se restringe a uma determinada mídia, mas tem utilizado vários canais para veiculação de suas mensagens: *sites* na Internet, televisão, cinema,livros, revistas em geral e rádio.

Empunhando a bandeira do catolicismo frente aos concorrentes do mercado religioso, padre Marcelo lançou novas práticas, também em termos de festas, realizando "*o arraiá do senhor", " O carnaval de Jesus* ", em encontros realizados ao ar livre na cidade de São Paulo, como no caso do encontro promovido no dia de finados, intitulado " *Saudade sim, Tristeza não",* que anualmente reúne cerca de 600 mil pessoas. Esses "*showmissas"*[1] sempre contam com a participação de artistas famosos, cantores e apresentadores de televisão, o que acaba por corroborar a adesão dos fiéis.

Outro segmento em que Padre Marcelo tornou-se fenômeno foi o mercado fonográfico. Seu primeiro Cd "*Músicas para louvar*", lançado em 1998, vendeu cerca de 3,2 milhões de cópias. Em 2002, o padre foi premiado com o *Grammy* latino, na categoria música cristã. Esse fenômeno de venda perdura até os dias atuais como podemos comprovar através de reportagem da revista Veja (20/02/2008, p.43): *"Ele é o Rei do disco de novo"*, Marcelo Rossi, de acordo com a SonyBMG, juntando os CDs vendidos em lojas com os das bancas de jornais mais os DVDs, somou 3,3 milhões de unidades no ano passado.

[1] Showmissa é uma denominação dada pela mídia aos encontros organizados pelo Padre Marcelo Rossi.

1.2.1 Momento de Fé

Dentre todos os discursos articulados pelo nosso informante, optamos por selecionar o segmento da evangelização eletrônica, mas precisamente o programa "*Momento de fé*", exibido de segunda a sábado no horário das 9h às 10h pelas emissoras afiliadas a Rádio Globo de São Paulo. Desse programa, priorizamos o bloco intitulado "*A Viagem"*.

Dentre os meios de comunicação, o rádio figura-se como uma das mídias de maior alcance de público. Através dele, o discurso religioso, que anteriormente era proferido apenas nos púlpitos dos templos, invade, sem nenhuma restrição, milhares de lares do Brasil. De acordo com Andrade Junior (2006), em dezembro de 2001, a Rádio Globo AM, contava com 167 mil ouvintes por minuto das 9h às 10h. Com a inserção do programa "*Momento de fé*" esse número saltou para 479 mil ouvintes por minuto ligados na emissora.

Durante o programa, Padre Marcelo Rossi procura estabelecer relação direta com seus radiouvintes, numa dinâmica interativa que lhe permite manter uma linguagem atualizada e parecer sempre próximo a seus fiéis. Essa abordagem, sem dúvida, favorece a apreensão de seu discurso teológico.

O programa apresenta sempre o mesmo formato. É direcionado ao assunto da semana, que corresponde a um motivo de oração como: *"semana do desemprego", "semana dos anjos", "semana da família", "semana da libertação", "semana do perdão"*. A semana que integra o nosso *corpus* versa sobre "o louvor e o agradecimento". A programação do "Momento de fé" divide-se em quatro blocos. No primeiro, o padre lê uma passagem bíblica e tece algum comentário sobre a relação desta com o tema da semana; no segundo, ocorre à participação ao vivo dos ouvintes que expressam suas aflições cotidianas numa espécie de consultório psicanalítico; o terceiro bloco traz o momento da viagem (objeto de nossa análise) no qual o ouvinte é convidado a fazer uma viagem ao encontro de Jesus; no quarto e último bloco ocorre à benção da água e leitura de um texto não religioso com fundo moral.

A escolha do terceiro bloco foi motivada pelo fato de que, dentro do programa, é exatamente o ápice da evangelização. Sua duração varia de 12 a 15 minutos,

nos quais o orador direciona o ouvinte a uma espécie de dinâmica regressiva[2], sugerindo ao mesmo imaginar-se como criança para, assim, poder estabelecer um diálogo com Deus. O discurso do padre denota claramente sua intenção de consolar o auditório e propagar a fé cristã.

A organização estrutural da "*Viagem*" segue sempre o mesmo formato: inicia-se por um convite em que o auditório é convocado a fechar os olhos e entregar-se à "experiência"; no seu desenrolar, o orador vai traçando todo o percurso reflexivo que os ouvintes devem seguir, conduzindo todas as etapas dessa jornada; e o encerramento sempre se dá com o sinal da Cruz e com a promessa de que a próxima viagem será ainda mais emocionante.

Povoada de efeitos sonoros, fundos musicais relaxantes, plasticidade na voz, tratamento cordial e repetições de verdades universais, "*a viagem*" favorece a sensação de interação no processo de comunicação entre os ouvintes e "deus".

De acordo com Padre Marcelo (SOUZA, 2005), a viagem é o momento dedicado à oração, ao estabelecimento de um diálogo do homem com Deus.

1.3 GÊNERO RADIOFÔNICO

Antes de dar inicio à caracterização do gênero que compõe nosso *corpus*, faz-se necessário discorrer, ainda que modo superficial, sobre o lugar da produção do mesmo, ou seja, o rádio.

Definido como veículo de comunicação baseado na difusão de informações sonoras, por meio de ondas eletromagnéticas, em diversas frequências, o rádio pode ser caracterizado como um meio essencialmente auditivo.

[2] Processo utilizado pela psicanálise com objetivo de levar ao retorno a fases ou estágios já percorridos no desenvolvimento de um indivíduo, em situações acrescidas de estresse ou que comportam conflitos internos e externos.

Para Nunes (1993) o rádio, como veículo de comunicação de massa, não exerce apenas a função de informar com rapidez e instantaneidade, tampouco se reduz ao entretenimento proporcionado pela descontração de seus locutores. O autor afirma que:

> Diagnosticamos a existência de outro universo significante, moldado a partir da voz, suporte qualitativo da palavra vocalizado no rádio. A voz e a palavra constroem textos escritos/oralizados que veiculam signos míticos aptos a ritualizar a escuta radiofônica. Por meio desses elementos o rádio representa o papel se atenuar a inexorabilidade das perdas trazidas pelo tempo e assegura ao homem moderno o retorno ao presente absoluto, tão caro ao homem das sociedades arcaicas .(NUNES, 1993,p.157)

A presença do rádio na sociedade brasileira é extremamente forte. Está presente em todos os lugares: em casa, no trabalho, no carro, no lazer. Silva (1999) estima que 89.3% dos domicílios brasileiros possuem rádio e que mais de 90% das pessoas entre 10 e 65 anos ouvem rádio diariamente. Sua linguagem carregada de emoção e informação atua diretamente na imaginação do ouvinte, realizando um diálogo tecnicamente cego, mas carregado de informações sonoras que permitem ao ouvinte compreender o enunciado. Além disso, pela sua característica oral/auditiva apresenta uma comunicação individualizada, como se falasse com cada ouvinte em particular. Acerca das particularidades que envolvem o rádio, Ortriwano (1985, p.80) expõe que:

> O rádio envolve o ouvinte, fazendo-o participar por meio da criação de um "diálogo mental" com o emissor. Ao mesmo tempo, desperta a imaginação através da emocionalidade das palavras e dos recursos de sonoplastia, permitindo que as mensagens tenham nuances individuais, de acordo com as expectativas de cada um.

1.3.l Linguagem Radiofônica

Consoante Ferrareto (2001), o uso da voz humana, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio englobam a linguagem radiofônica e atuam isoladamente ou

combinados entre si de diversas formas. Esta semiose de elementos contribui para o melhor resultado da mensagem. Os três últimos (a música, os efeitos sonoros e o silêncio) trabalham em grande parte o inconsciente do ouvinte, enquanto o discurso oral visa ao consciente. A trilha sonora pode acentuar ou reduzir determinados aspectos dramáticos contidos na voz do comunicador, ressaltada, por vezes, pelo silêncio.

Todo este conjunto visa compensar a ausência da imagem, lutar contra a efemeridade de seu signo bem como promover a memorização e a perpetuação da mensagem proferida.

Ao proferir um discurso religioso no rádio, o orador não conta com o aparato da imagem, possui apenas a voz como elemento para encantar e persuadir. Sobre o discurso radiofônico, Silva (1999, p.41) comenta que:

> Como "um meio cego", o rádio lança signos no éter e luta contra a fugacidade para perpetuar sua mensagem na memória de seus rádio-ouvintes. Sem a possibilidade de retorno ou correção, o signo sonoro, efêmero e inscrito temporalmente, encontra em cada ouvinte a sua possibilidade de ressonância e, portanto, de perpetuação.

O discurso radiofônico religioso tem como característica ser um discurso dramatúrgico no qual a voz é um dispositivo fundamental no processo persuasivo. Roland Barthes (1984, p.70) afirma que escutar é o verbo evangélico por excelência, afinal é na escuta da palavra divina que a fé se restabelece.

1.3.2 Programa Radiofônico com cunho Religioso

Com o objetivo de difundir as idéias e preceitos de uma doutrina ou seita religiosa, este formato radiofônico ocupa cada vez mais espaços nas programações das emissoras brasileiras.

Com um discurso quase sempre emocional e até agressivo, os apresentadores geralmente padres ou pastores procuram atrair fiéis para as instituições religiosas a que

pertencem. Barbosa Filho (2003) afirma que o proselitismo exarcebado faz com que os reguladores éticos escapem da norma de conduta que deveria reger tais profissionais da fé eletrônica.

Antigamente esse tipo de programa era veiculado em horários de baixa audiência, principalmente nas madrugadas; entretanto, nos dias atuais, os mesmos vêm se multiplicando rapidamente no rádio brasileiro e sua reprodução em cadeia é uma realidade que merece atenção. Barbosa Filho (2003, p.133) relata que:

> Varias outorgas para exploração comercial de canais de radiodifusão sonora já foram concedidas nos últimos anos a igrejas de cunho cristão, sejam católicas ou evangélicas, o que proporciona a estas emissoras que parcela significativa da programação seja voltada para questões religiosas.

As estatísticas comprovam que as televisões e as rádios brasileiras estão abarrotadas de programas religiosos, em sua maioria, programas cristãos. Isso sem mencionar as emissoras de propriedade de denominações religiosas. Atualmente, no Brasil, diversos programas religiosos são veiculados diariamente em canais abertos e em TVs por assinatura. Segundo a Revista da TV[3], é possível assistir, em apenas uma semana, a mais de 82 horas de missas, cultos, pregações e exorcismos. Dessa forma, não se trata simplesmente da presença constante de uma propaganda ideológica no sentido estrito do termo, mas de uma nova forma de anunciar a fé cristã, através da aberta possibilidade de utilização dos meios de comunicação de massa.

[3] Informações extraídas da revista eletrônica com base nos dados do ISER – Instituto de Estudos da Religião. Disponível em: http://www.uol.com.br/revista_da_tv.htm#08. Acessado em 12 dez.2008.

2 NOS MEANDROS DA PROSÓDIA, DA RETÓRICA E DA ARGUMENTAÇÃO: NOSSO ARCABOUÇO TEÓRICO

Este capítulo teórico tem por objetivo a revisão de literatura pertinente ao desenvolvimento deste estudo sobre a confluência entre prosódia e retórica no discurso religioso. A questão da voz requer um tratamento especial em nosso trabalho, pois ela será a essência das problemáticas levantadas. Para realização desta pesquisa, procuramos nos valer de um arcabouço teórico abrangente com conceitos, definições e abordagens em especial sobre prosódia, apresentando ainda suas funções e considerações sobre unidades prosódicas, bem como a concepção de retórica e dos elementos que a compõem.

2.1 A VOZ

> *Nossa voz é uma das projeções mais intensas de nossa personalidade, uma representação muito forte do que somos.*
> *(BEHLAU E PONTES, 2001)*

A palavra voz provém do latim *VOCE* e significa: o som ou o conjunto de sons emitidos pelo aparelho fonador. Os seres humanos possuem a capacidade de modificar, acomodar ou diferenciar os sons emitidos, dando-lhes significado através da articulação, produzindo os sons da fala.

A voz tem o poder de persuadir, sugestionar e seduzir podendo fascinar o ouvinte, despertando nele inúmeras emoções e sentimentos.

Quando uma pessoa fala, ela pode ser reconhecida mesmo que não seja vista, porque sua fala tem características individuais que a torna distinta da voz das outras pessoas. (cf.CAGLIARI, 1992, p.127)

Behlau e Pontes (1992) consideram a voz como uma das expressões mais evidentes no ser humano e afirmam que ela pode até revelar aspectos da característica psicológica, biológica e sócio-educacional. A voz é muito mais do que um som, uma vez que ela carrega informações, emoções, características pessoais, jeito de ser etc. Além de tudo isso, ela se faz presente nos processos de socialização humana, como um dos componentes da linguagem oral e da relação interpessoal, produzindo impactos na qualidade de vida dos sujeitos.

> A Voz humana é, com efeito, o lugar privilegiado da diferença: um lugar que escapa a toda ciência, pois não há nenhuma ciência que esgote a voz: classifiquem, comentem historicamente, sociologicamente, esteticamente, tecnicamente a música, haverá sempre um resto, um suplemento, um *lapsus*, um não dito que se designa ele próprio: a voz. Este objeto sempre "diferente" é colocado pela psicanálise na prateleira dos objetos do desejo enquanto faltam, a saber, objetos: não há nenhuma voz humana no mundo que não seja objeto de desejo – ou de repulsa: não há voz neutra – e se por vezes esse neutro, esse branco da voz acontece, é para nós um grande terror, como se descobríssemos com horror um mundo petrificado, onde o desejo estaria morto (BARTHES apud NUNES, 1993, 24-25).

Durante o discurso existe a possibilidade de variações da voz, por parte do orador, seja de modo consciente ou inconsciente. É justamente nesse processo de variação que se insere nossa pesquisa, mais precisamente nos aspectos relacionado à Prosódia que são intrínsecos à voz.

2.2 PROSÓDIA

> *Falar é tocar um instrumento de música, o mais perfeito de quantos harmônios tem sido inventado. (CARVALHO, 1910).*

Na fala, as estratégias para tornar a organização do discurso transparente são evidentemente diferentes daquelas utilizadas na escrita. Entre os vários possíveis dispositivos usados para esse fim, a prosódia tem um papel fundamental. As variações em qualquer dos componentes prosódicos são muitas vezes usadas para sinalizar a estrutura do discurso falado.

O que comumente costuma-se denominar de prosódia não são fenômenos de interesse recente. Scarpa (1999), citando Couper-Kuhlen, mostra que o termo prosódia remonta aos gregos. Estes, num primeiro momento, utilizaram a palavra *prosódia* para designar traços da fala (acento tonal ou melódico) não representados ortograficamente. Séculos mais tarde, eles introduziram tais traços na escrita, através de símbolos ortográficos denominados prosódicos, empreendendo, assim, uma redução de significado ao termo que passou a denotar diferenças de duração e acento. A partir dessa vinculação acento e duração vocálica, o termo, aproximadamente no século XV, adquiriu o significado de "versificação". E, seguindo a tradição da métrica greco-latina, surgiram as teorias literárias sobre a métrica poética quanto ao ritmo da poesia e da prosa.

No transcorrer dos séculos, inúmeras definições se colocaram para o vocábulo prosódia. Muitos gramáticos definiam-no como um campo que se ocupava da pronúncia dos diferentes sons das palavras. Outras vezes, apresentavam-no como algo relacionado às regras ortográficas e como constitutivo do falar com correção, sinônimo de erudição ou de pronúncia correta. Para os gramáticos normativos, os aspectos prosódicos eram vistos apenas como características fônicas de um padrão culto que envolvia a boa pronúncia de

uma variante de prestígio da língua. Também podia ser designado como o sotaque, isto é, incidência sonora de natureza regional e social.

O vocábulo prosódia, durante muito tempo, ligou-se às características da poesia, depois passou a se referir a diferentes aspectos do som e das relações estabelecidas na cadeia sonora. Assim sendo, a Prosódia, hoje, é um estudo fundamental para o conhecimento da língua, principalmente no que tange à oralidade. Os fenômenos prosódicos (altura, intensidade, duração, pausa, velocidade de fala, sistemas de tons, entonação, acento e ritmo das línguas naturais) ganharam relevância nos estudos da linguística atual.

No que tange aos estudos sobre prosódia, dois grandes foneticistas mundiais definem o termo como:

> (...)we may define prosodic systems as sets of mutually defining phonological features which have an essentially variable relationship to the words select, as opposed to those feature(for example, the (segmental)phonemes, the lexical meaning) which have a direct and identifying relationship to such words. For this book primary prosodic parameters, along which of linguistically contrastive features can be plotted, are the psychological attributes of sound described below as pitch, loudness and duration, which the physical dimensions of fundamental frequency, amplitude, and time respectively (CRYSTAL apud REIS, 2005 p. 3)[4]

> The patterns of varying syllabic prominence that result from the interactions of these four elements _ pitch, loudness, duration and articulatory quality _ give each language a characteristic texture, over and above the segmental detail of the language. This texture is made up of the interweaving of three main patterns of supra-segmental features. These three patterns are those of the prosodic, metrical and temporal organization of the speech material (LAVER, apud REIS, 2005, p. 3)[5]

---

[4] (...) podemos definir os sistemas prosódicos como conjuntos de características fonológicas mutualmente definidas, que têm relação variável às palavras selecionadas, em oposição àquelas características (por exemplo, os (segmentos) fonemas, o sentido lexical), que têm uma relação direta e identificável com aquelas palavras. Neste livro, os parâmetros prosódicos primários, juntamente com aqueles nos quais as características linguísticas podem ser marcadas, são os atributos psicológicos de som descritos abaixo como tom, altura e duração, que são as dimensões físicas respectivamente de frequência fundamental, amplitude e tempo. (tradução nossa)

[5] Os padrões de proeminência variável silábica que resulta da interação destes quatro elementos_ tom, altura, duração e qualidade articulatória _ dão a cada língua uma textura característica, acima dos detalhes segmentais da língua. Esta textura é feita da intersecção destes três padrões principais de características suprassegmentais. Estes três padrões são aqueles da organização prosódica, métrica e temporal do material da fala. (tradução nossa)

De acordo com Bollela (2006), prosódia, para a linguística atual, refere-se ao conjunto de fenômenos fônicos que se localiza além da representação segmental linear dos fonemas. A prosódia abrange uma série de fenômenos fônicos que, de acordo com Scarpa (1999, p. 8), são uma gama variada de fenômenos que abarcam os parâmetros de altura, intensidade, duração, pausa, velocidade de fala, bem como o estudo dos sistemas de tom, entoação, acento e ritmo das línguas naturais.

2.2.1.Elementos Prosódicos

Conforme Cagliari (1999, p.9), os elementos prosódicos dividem-se em três grandes grupos: elementos prosódicos da variação da altura melódica, elementos prosódicos da variação da duração e elementos prosódicos da intensidade sonora.

Cagliari (1999, p.7) conceitua elementos prosódicos como sendo pertencentes a diferentes segmentos em "natureza fonética e que caracterizam unidades maiores do que os segmentos, sendo menos da extensão de uma sílaba" e ainda, argumenta explicando que tais elementos variam com freqüência e de muitas maneiras, resultando em uma fala que pode ser tomada sob a perspectiva de uma cadeia de montanhas com vales e picos.

Os elementos que compõem a variação de altura melódica são: a tessitura (que compreende uma alteração de grave e agudo na fala), a entoação (que engloba uma variação ascendente e/ou descendente na melodia da frase), o tom (no qual a variação melódica ocorre dentro dos itens lexicais); o acento frasal (ou sílaba tônica saliente) e a qualidade de voz dentilizada; palatalizada; nasalizada; retroflexa; a voz laringalizada (*creaky voice*); a voz murmurada; a voz áspera; a voz rouca; a voz hipernasalisada; a voz robotizada (monotônica); a voz infantilizada; a voz virilizada; e a voz feminilizada entre outras.

No que tange à variação de duração, verificamos os seguintes elementos: o ritmo (que é marcado pela repetição de acentos), a duração (que marca um alongamento de sílabas ou fonemas), o acento (que está diretamente relacionado com o ritmo, marcando as ondulações rítmicas da fala), a pausa (que estabelece o silêncio), a concatenação (que se

refere à junção de palavras) e a velocidade de fala, também denominada tempo na nomenclatura de Cagliari (1992).

Por fim, com relação à intensidade sonora, há o volume que é caracterizado pela intensidade alta ou baixa da voz.

2.2.2 Funções desempenhadas pelos elementos prosódicos

Bollela (2006) postula, em artigo intitulado "*A prosódia como instrumento de persuasão",* que os elementos prosódicos desempenham diferentes funções no discurso.

Esses elementos podem apresentar funções linguísticas distintas, tais como: função fonológica, fonética, morfológica, sintática, discursiva, dialógica, semântica, pragmática, de identificação do falante ou da língua e de reestruturação da produção da fala, como podemos ver na figura abaixo:

		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1	Tons	x										
2	Entoação				x			x	x			
3	Tessitura				x	x	x					
4	Duração	x	x	x							x	x
5	Moras		x									
6	Pausas			x	x				x		x	x
7	Tempo											x
8	Acento	x										
9	Ritmo		x	x				x				
10	Volume								x			x
11	Registro		x	x			x					
12	Qual. de voz		x							x		x
13	Ársis/Tésis									x		

Valores dos números que representam as funções:

Função estrutural:
1- fonológica (fonêmica)
2- fonológica (geradora de processos)
3- morfológica (lexicalização)
4- sintática (categorias e funções)
5- discursiva (coesiva)
6- dialógica (turnos conversacionais)
7- semântica (conotações, sub-entendidos)
8- pragmática (atitudes do falante)
9- identificação do falante ou da língua
10- re-estruturação da produção da fala
11- fonética (fatos físicos)

Figura 2 — As funções linguísticas dos elementos suprassegmentais prosódicos
Fonte: CAGLIARI, 1992, p. 148-149.

Neste sentido, este trabalho reclama para a prosódia um papel de relevância no funcionamento lingüístico do discurso, principalmente no que tange as funções pragmáticas que estão diretamente ligadas às atitudes do falante, e a função semântica que designa as conotações e subentendidos. A prosódia será entendida como uma das formas encontradas pelo orador de organizar seu discurso de modo a persuadir seu auditório. Privilegiamos, para nossa análise, quatro elementos prosódicos: a tessitura, a pausa, o volume e a qualidade de voz, os quais serão descritos a seguir.

2.2.3 A tessitura

De acordo com Matheus et alii (1990, p.193 apud MASSINI-CAGLIARI 2001), a tessitura pode ser definida como "a escala melódica do falante, i.e, os limites em que se situam os seus valores mais altos e os mais baixos de F0[6], quando fala normalmente". A tessitura de acordo com Bollela (2006) desempenha quatro funções no discurso:

1- Função sintática (categorias ou funções): destaca ou marca elementos que estão "deslocados" (tessitura geralmente mais baixa);

2- Função discursiva (coesiva): usa-se tessitura baixa para digressões e tessitura alta ao retornar ao assunto principal;

3- Função dialógica (usada nos turnos conversacionais): a tessitura alta indica pedido de turno durante a fala do outro, já a tessitura baixa é reservada para o final de turno;

4- Função pragmática (revelam as atitudes do falante): os níveis mais graves indicam mais razão e autoridade, enquanto os níveis mais agudos indicam contestação, exaltação. Como estratégia para não ser interrompido o falante vale-se de uma tessitura bem grave ou bem aguda.

Massini-Cagliari (2001) concluíram que tessitura e entonação atuam diferente e independentemente, uma vez que um mesmo contorno entoacional pode ser realizado em uma tessitura alta ou baixa, de acordo com as intenções do falante, mostrando a importância do estudo da tessitura.

[6] Frequência Fundamental (F0) corresponde ao primeiro harmônico que compõe uma onda sonora. Frequência é o termo usado para descrever a vibração das moléculas de ar causada pelo objeto vibrante, neste caso pregas vocais.

2.2.4 A pausa

A pausa é um elemento prosódico de grande importância na organização do discurso. Ela tem um papel essencial em conversações espontâneas, desempenhando várias funções. Está relacionada tanto a fatores lingüísticos (sintáticos, lexicais, gramaticais) como à organização do discurso. A pausa marca a supressão da voz.

Grosjean & Deschamps (apud TORRES, 2005) caracterizam a pausa como um dos aspectos temporais da fala. Em estudo em que analisaram variáveis temporais do francês falado espontâneo, o termo pausa foi relacionado às pausas não sonoras que se dividem em pausas de respiração, estilísticas e de hesitação.

Bollela (2006) atribui às pausas quatro funções durante o discurso:

1- Função morfológica (lexicalização): a pausa define fronteiras de palavras;

2- Função sintática (categorias e funções): a pausa indica o deslocamento de elementos sintáticos;

3- Função semântica (conotações e subentendidos): insere-se a pausa quando ocorre uma mudança brusca do conteúdo semântico;

4- Função pragmática (atitudes do falante): quando a pausa é empregada fora do esperado, demonstrando intenção de impressionar o interlocutor. Já uma fala na qual se destacam as palavras com pausas, demonstra que o falante deseja reforçar sua autoridade e/ou o valor do que diz. A pausa serve ainda para chamar a atenção para o que se vai dizer em seguida.

A pausa terá ainda, de acordo com Cagliari (1992, p.142), “a função aerodinâmica que permite ao falante respirar durante a fala” e aquelas que aparecem “fora do esperado”, por exemplo, a hesitação, e servem para a reorganização da fala.

2.2.5 O volume

O volume é um elemento prosódico da intensidade sonora que refere-se à variação de intensidade da voz (alta ou baixa). Consoante Cagliari (1992), o volume de voz tradicionalmente tem sido entendido com um dos elementos que indicam a saliência das sílabas tônicas. No tocante às funções linguísticas que este elemento prosódico desempenha, Cagliari (1992, p.146) declara que:

> Falar alto pode significar uma atitude autoritária ou de grande perturbação e falar baixo, uma atitude de persuasão, timidez ou respeito. O volume de voz também se adapta ao contexto e à distancia que o falante se situa em relação ao seu interlocutor.A variação do volume de voz é uma espécie de "reforço" para o valor de outros elementos suprassegmentais prosódicos.

2.2.6 A qualidade de voz

A qualidade de voz é uma propriedade fonética, assim como os outros elementos prosódicos, mas que se sobrepõe aos segmentos, modificando-os de algum modo. Essa incidência linguística é também uma forma de identificação do falante por indicar particularidades fônicas presentes na enunciação individual tais como: fala labializada, palatizada, nasalizada, etc.

Sobre esses traços prosódicos presentes na fala, Crystal postula que:

> Não é o que tu dizes, mas a maneira como o dizes'. Este comentário familiar, imortalizado numa canção, indica de forma sintética tudo aquilo que incide sobre a análise prosódica. Os 'segmentos' da língua falada são vogais e consoantes que se combinam para produzir sílabas, palavras e frases (…). Mas ao mesmo tempo em que articulamos os segmentos, a nossa pronúncia varia noutros aspectos. Os elementos que provocam essa variação são os traços supra-segmentais ou prosódicos. (CRYSTAL apud MATEUS, 2007, p.14).

Para Cagliari (1992), alguns usos da qualidade de voz marcam classes de pessoas ou ocorrem em situações especiais. Dependendo do contexto, o falante tende a modificar o padrão vocal empregado, ou seja, o registro de voz empregado varia de acordo com a situação de enunciação:

> Alguns casos da qualidade de voz marcam classes de pessoas ou ocorrem em situações especiais. Assim, por exemplo, os pederastas no Brasil costumam usar uma voz de falseto. A mesma qualidade de voz é usada pelas pessoas que falam furiosamente contra alguém (ou "machões"). No segundo caso, o uso de um volume de voz alto e de uma articulação tensa co-ocorrem para se obter o efeito esperado. No primeiro caso, ocorre uma articulação "frouxa" (em termos de tensão dos músculos do aparelho fonador). (CAGLIARI, 1992, p.147).

Paul Zumthor (1993) estuda aspectos da voz e da oralidade como agentes performáticos da poesia oral medieval, entretanto, nos valeremos de alguns dos conceitos por ele cunhados uma vez que nos servirão para a análise do *corpus.*

Selecionamos sua conceituação sobre 'performance' que acreditamos possuir uma intrínseca relação de complementaridade com o elemento prosódico qualidade de voz. Segundo Zumthor (2000), a performance é a materialização do que é dito. "Toda voz emana de um corpo (...) que permanece visível e palpável enquanto ela é audível" (ZUMTHOR, 2000, p. 24). O orador, ao proferir o discurso, lança mão de diversos recursos prosódicos para dar forma a sua enunciação. A plasticidade da palavra é produzida quando o orador, num discurso performático, utiliza variados registros de voz. A forma como se fala atribui significado ao texto. A mesma frase pode expressar diferentes significados dependendo das sutilezas vocais.

Consoante Zumthor (1993), performance implica competência. Além de um saber-fazer e de um saber-dizer, a performance manifesta um saber-ser no tempo e no espaço.

Passaremos agora para um breve levantamento de alguns teóricos sobre a retórica e os elementos que a compõem no intuito de situar nossa análise a ser apresentada no capítulo seguinte.

2.3 A RETÓRICA

> *De vez em quando, alguém anuncia a morte da Retórica, mas quando se presta atenção se verifica que não se trata de morte, mas da tentativa de matá-la. E os que fazem isso o fazem retoricamente. Hoje vemos despontar oradores por toda parte e percebemos que o mundo se converteu num único auditório (TRINGALI, 1988, p.197)*

Neste capítulo objetivamos apresentar uma descrição sucinta sobre a retórica e sua composição, visando verificar de que maneira os elementos retóricos se articulam durante o processo persuasivo. Este estudo torna-se necessário para que possamos, no capítulo de análise, verificar como a retórica se relaciona com a prosódia, deixando claro que nosso intuito é analisar de que forma a prosódia participa da constituição ética e patética[*] do orador e como ela se alia aos recursos retórico-argumentativos para que o orador obtenha êxito na adesão dos fiéis.

Tomaremos como base para alicerçar nosso trabalho alguns conceitos desenvolvidos por Aristóteles na Antiga Retórica bem como de Perelman & Olbrechts Tyteca (2005) na Nova Retórica.

A retórica é considerada a arte de persuadir pelo discurso e, para que se efetive o processo retórico, é necessário um orador, uma tese e um auditório.

A retórica surgiu na Grécia, por volta do ano 427 a.C. e se mantém até os dias atuais. Ela é definida como a arte de convencer e persuadir. Michel Meyer (1998, p. 110) defende que a "retórica renasce sempre que as ideologias desmoronam". De acordo com Tringali (1988), existe hoje uma diversidade de retóricas: Retórica Clássica, Retórica das Figuras, Retórica Nova e Retórica Semiótica, todas surgidas a partir da Retórica Antiga.

A respeito da última mencionada podemos conceituá-la como aquela que tem como alvo ensinar a fazer discursos persuasivos e fazê-los bem feitos. Intitulada antiga, para designar-se a primeira, aquela que serve de moldes para as seguintes tem suas bases

[*] Os conceitos de *ethos e pathos* serão apresentados em item subsequente.

fundamentadas em Aristóteles. Também apresenta uma intenção específica de persuadir através do belo discurso. É a Retórica completa e compreende: invenção, disposição, elocução, memória e ação.

Todo discurso está imbuído de uma mensagem e produz algo em seu ouvinte. Portanto, toda a força da Retórica se concentra na persuasão.

Persuadir, etimologicamente, vem de "*persuadere*", aconselhar, levar alguém a aceitar um ponto de vista de modo suave, habilidosamente.

Vejamos, a seguir, a quem a persuasão se dirige:

2.3.1 Auditório

> Quem pretende conduzir homens a um objetivo, por força precisa sondar a alma humana. (TRINGALI, 1998, P.31)

A retórica é considerada a arte de persuadir pelo discurso. Como mencionamos, para que se efetive o processo retórico, é necessário um orador, uma tese e um auditório. Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005) definem auditório como o grupo de indivíduos a que se dirige o orador com intuito de influenciar.

Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005) pressupõem ainda a existência de dois tipos de auditório: um auditório universal e um auditório particular. O primeiro é constituído por grupos heterogêneos enquanto o segundo é composto por pessoas que estão ligadas por elementos comuns, que partilham as mesmas crenças, ideais, etc. Para que o orador cumpra seu papel de persuadir, é necessário que conheça seu auditório, suas crenças e seus valores, pois só assim é capaz de escolher adequadamente os argumentos. Aristóteles afirma que é absolutamente necessário que o orador estruture seu discurso em função do auditório, ou seja, cabe ao orador adaptar-se ao auditório, provocar sua adesão intelectual para que possa alcançar êxito no seu processo discursivo.

Existem outros elementos que podem influenciar e sensibilizar o auditório. O orador pode, por exemplo, procurar condicioná-lo, por meio da música, da iluminação, da

projeção de dados ou de imagens, etc. É a adaptação do orador ao auditório que vai fazer com que, no final do discurso, o auditório já não seja o mesmo do início, ou seja, que tenha obtido uma "nova concepção da realidade" – conferida pelo orador. Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005, p. 21) afirmam que:

> O contato entre o orador e seu auditório não concerne unicamente às condições prévias da argumentação: é essencial também para todo o desenvolvimento dela. Com efeito, como a argumentação visa obter a adesão daqueles a quem ela se dirige, ela é, por inteiro, relativa ao auditório que procura influenciar.

Sendo assim o orador que visa a uma ação precisa, deverá excitar as paixões, emocionar seus ouvintes, de modo a desencadear uma adesão intensa, capaz de vencer a inércia e as forças que atuam em sentido diferente ao desejado pelo orador. A respeito dessas virtudes, Horácio (apud TRINGALI 1988 p. 75) afirma que: "Se queres que eu chore, chore antes você mesmo".

É na intersecção entre o que é dito e sentido, no interstício tênue entre paixão, emoção e persuasão que fundamentaremos nossa análise. Objetivamos trabalhar na fronteira do texto e discurso que nos permitam elencar elementos que alicercem nossa pesquisa e que nos permitam conhecer como o orador, através da prosódia e da retórica, busca a adesão do seu auditório.

Procurando explicitar as relações buscadas pelo viés da emoção, propomo-nos a levantar algumas concepções de base aristotélica que nos permitirão avançar na análise de nosso *corpus.*

2.3.2 As construções éticas e patéticas no discurso

Segundo Aristóteles, a persuasão se efetiva no discurso da seguinte maneira:

> Entre as provas fornecidas pelo discurso, distinguem-se três espécies: umas residem no caráter moral do orador; outras, nas disposições que se criaram no ouvinte; outras, no próprio discurso, pelo que ele demonstra ou parece demonstrar. Obtém-se a persuasão por efeito do caráter moral, quando o discurso procede de maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de confiança (...) Obtém-se a persuasão nos ouvintes, quando o discurso os leva a sentir uma paixão (...). Enfim, é pelo discurso que persuadimos, sempre que demonstramos a verdade ou o que parece ser a verdade, de acordo com o que, sobre cada assunto, é suscetível de persuadir. (s/d, p. 33-34).

Consoante Aristóteles, a persuasão se dá através de um tripé: por meio do caráter moral do orador, que é o *ethos;* dos sentimentos despertados no auditório, que é o *pathos;* e pelo discurso, quando fundamentado na verdade, que é o *logos*.

Vejamos em que consiste o *ethos.*

2.3.3 *Ethos*

> *As pessoas de bem inspiram confiança mais eficazmente e mais rapidamente em todos os assuntos (ARISTÓTELES, s/d).*

Neste trabalho, assumimos o conceito de *ethos* propagado por Aristóteles: o *ethos* que se liga ao caráter que o orador parece ter diante do auditório. Entretanto abordaremos algumas reflexões contemporâneas que nos ajudaram a constituir os princípios da nossa análise.

Roland Barthes destaca a importância do *ethos* no processo persuasivo ao afirmar:

> São os traços do *ethos* que o orador deve mostrar ao auditório (pouco importa sua sinceridade) para causar uma boa impressão. O orador enuncia uma informação e ao mesmo tempo diz: "eu sou isso, eu não sou aquilo". (BARTHES, 1966, p.212- apud AMOSSY, 2005, p. 24).

Podemos perceber que os traços do *ethos* têm relação direta com a imagem que o orador quer construir diante do auditório, ou seja, a "boa impressão" dependerá das informações que o primeiro fornece ao segundo. Perelman & Olbrechts-Tyteca relacionam o *ethos* diretamente com a confiança que o auditório deposita no orador, o papel que este assume influencia de modo incontestável a maneira pelo qual o auditório acolherá suas palavras. (PERELMAN & OLBRECHETS-TYTECA, 2005, p. 25).

O discurso é convincente na medida em que o orador desfruta de autoridade perante os que o ouvem. Ele sustenta seus argumentos na *doxa*[7] partilhada com o auditório e constrói seu *ethos* com base em representações coletivas que sejam positivas aos ouvintes, pois, assim como o orador faz uma imagem do seu auditório, o auditório faz uma imagem do orador. De acordo com Amossy:

> O orador constrói sua própria imagem em função da imagem que ele faz de seu auditório, isto é, das representações do orador confiável e competente que ele crê ser as do público (AMOSSY, 2005, p. 124).

Para Aristóteles, são três as razões que estimulam a confiança no orador: *phórnesis* (bom senso, prudência, sabedoria prática), *arete* (virtude) e *eunóia* (benevolência). Partindo dessas três condições, o orador pode assumir diferentes posturas que despertem a confiança de seu auditório. Sob a perspectiva Aristotélica,

> Se, de fato, os oradores alteram a verdade sobre o que dizem enquanto falam ou aconselham, é por causa de todas essas coisas de uma só vez ou de uma dentre elas: ou bem, por falta de prudência, eles não são razoáveis; ou, sendo razoáveis, eles calam suas opiniões por desonestidade; ou, prudentes e honestos, não são benevolentes; é por isso que podem, mesmo conhecendo o melhor caminho a seguir, não o aconselhar (s/d , p. 14).

[7] Termo grego que significa opinião, juízo, ponto de vista, crença filosófica.

Para Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005 p. 21) “é preciso alguma qualidade para tomar a palavra e ser ouvido”, além disso, o orador deve ter estima por seu auditório. A qualidade do orador é o que lhe garante credibilidade e confiança, permitindo que o auditório acredite em sua sinceridade. Seu discurso também deve apresentar certa modéstia, mas não humildade; sua argumentação deve ser convincente, mas não axiomática. O orador deve, portanto, demonstrar que se preocupou com seu auditório, interessou-se por seu estado de espírito.

De acordo com Reboul (2004), a imagem que o orador projeta de si mesmo, sem que o diga explicitamente causa um efeito no auditório, e este efeito refere-se ao *pathos* definido como “o conjunto de emoções, paixões e sentimentos que o orador deve provocar no auditório com seu discurso” (REBOUL, 2004, p. 48). Na verdade, *ethos e pathos* se complementam, uma vez que a interação entre o orador e o auditório se efetua por meio da representação que fazem um do outro.

Diante do exposto acima, faz-se necessário um melhor esclarecimento sobre o conceito de *pathos.*

2.3.4 *Pathos*

Nada de grande se faz sem paixão
(HEGEL)

Pathos é uma palavra grega que designa ao mesmo tempo sofrimento, paixão, passividade. Aristóteles conceitua *pathos* como uma das três formas de persuasão na retórica. Definido como elemento baseado na emoção, o termo diz respeito à paixão que orador faz florescer no auditório.

As paixões, de acordo com a concepção aristotélica são “todos os sentimentos que, causando mudança nas pessoas, fazem variar seus julgamentos” (2003, p.5). A paixão é então um elemento intrínseco ao ser humano e não deve ser nem extirpado nem condenado. Cabe ao homem proceder ao equilíbrio entre os sentimentos, à dominação

de tais impulsos, mas nunca à repreensão, pois, de acordo com Aristóteles, o homem virtuoso é aquele que sabe usar o *pathos* (paixão) com razão.

Um discurso necessita provocar no público ouvinte um sentimento de paixão, entusiasmo e motivação para alcançar com maior êxito a recepção de sua mensagem. Segundo Perelman & Olbrechts-Tyteca, o discurso argumentativo deve "excitar as paixões, emocionar seus ouvintes, de modo que se determine uma adesão suficientemente intensa'' (1996, p. 52).

Aristóteles empenhou-se em uma análise detalhada da questão do *pathos* ou da prova emocional. Cólera, calma, amor, ódio, temor, confiança, vergonha, impudência, favor, compaixão, indignação, inveja, emulação são as quatorze paixões que receberam uma atenção concreta. Aristóteles deseja enfatizar, no estudo das paixões, seu poder persuasivo e o êxito que o bom orador atingirá por meio delas.

No prefácio da obra Retórica das paixões (2003), Meyer define *pathos* como:

> Lugar da diferença a superar na identidade e pela identidade do sujeito, o *pathos* é tudo que não é o sujeito e, ao mesmo tempo, tudo que ele é. Vê-se que, à primeira vista, o *pathos* é ambíguo: é o sinal de uma diferença que se pretende anular, mas também a marca que faz o sujeito não ser um predicado. (2003, p. XXXII).

O ser humano pode ser acometido de diversas formas de paixões. Algumas dessas paixões visam instaurar uma identidade e preencher vazios que separam os seres. Enquanto outras distanciam os indivíduos. Desta forma, de acordo com Aristóteles (2003), ocorre simultaneamente à tomada de consciência de si na relação com o outro, estabelece-se à verificação de uma diferença ou de uma identidade, à qual se acrescentará à vontade de continuar, aumentar ou diminuir essas diferenças. Há também uma necessidade de se fazer saber ao outro, para definir uma base comum de convivência.

Pela paixão, temos a fusão da consciência do outro com a que temos de nós mesmos, e ao mesmo tempo, evidencia-se uma diferença entre os indivíduos que determina a identidade de cada um. Sendo assim, a teoria das paixões institui uma relação com todas as teorias de contingência humana, de alma, liberdade e de ação, pois ela não pode ser

considerada de caráter apodítico, evidente, irrefutável. Trata-se de um jogo dos contrários, da reversibilidade, da transformação, da luta contra a própria paixão, como se combatesse o outro, pois a paixão é o outro em nós, o humano em sua diferença. E a temporalidade é refletida pela paixão dentro de diferenças, distâncias, certeza e dúvida, pela dicotomia necessária desta natureza (ARISTÓTELES, 2003, p. L).

2.3.5 Figuras retóricas

> As figuras retóricas são recursos linguísticos utilizados especialmente a serviço da persuasão. (...) Possuem um poder persuasivo subliminar, ativando nosso sistema límbico, região do cérebro responsável pelas emoções. Elas funcionam como cenas de um filme, criando atmosferas de suspense, humor, encantamento, a serviço dos nossos argumentos (ABREU, 2001, p. 105)

As figuras retóricas são elementos utilizados para embelezar, ilustrar ou enfatizar palavras. Tendo como base as figuras retóricas tradicionais apontadas por Aristóteles bem como os efeitos concretos das figuras nos discursos, Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005) as classificam em figuras *de escolha* (impõe ou sugerem uma caracterização); figuras *de presença* (garantem a presença do objeto do discurso na mente dos participantes da interação); e figuras *de comunhão* (buscam a comunhão com o auditório). Estas últimas tentam influenciar o interlocutor não por meio do uso da razão, mas das *paixões.*

Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005), lançando um novo olhar a este elemento da Retórica, propõem uma concepção mais flexível sobre as figuras considerando sua mobilidade, ou seja, o que trazem de diferente ao discurso ou à forma de falar de acordo com finalidades específicas. Os novos termos não designam os gêneros de certas figuras tradicionais, mas o efeito produzido na apresentação dos dados: impor ou sugerir uma escolha, aumentar a presença ou promover a comunhão com o auditório.

Reboul (2004, p. 113) adverte que "a figura só é de retórica quando desempenha papel persuasivo". Uma mesma figura pode, então, produzir adesão de um

dado auditório e ser de estilo para outra. Sobre essa função persuasiva da figura Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005, p.193) afirmam:

> (...) para ser percebida como argumentativa uma figura não deve necessariamente acarretar a adesão às conclusões do discurso, bastando que o argumento seja percebido em seu pleno valor; pouco importa se outras considerações se oponham à aceitação da tese em questão.

Os autores tratam como figura de escolha, que impõem ou sugerem uma caracterização: a *definição oratória*, a *perífrase,* a *antonomásia*, a *prolepse* ou *antecipaçã*o, a *retificação* a *sinédoque* e a *metonímia*. Apontam também como figuras de presença, que tem por efeito tornar presente na consciência o objeto do discurso, a *onomatopéia*, a *repetição*, a *amplificação*, a *sinonímia*, a *metábole*, o *pseudodiscurso*, a *enálage de tempo* e a *hipotipose.* E tratam ainda das figuras de comunhão com as quais o orador cria ou confirma a comunhão com o auditório. Tais figuras podem se referir a fatos culturais, tradição ou passado comum. Dentre as figuras de comunhão, podemos citar a *alusão*, a *citação*, a *apóstrofe*, a c*omunicação* e a *enálage do número de pessoas*.

Consoante surgimento em nossa análise, desdobraremos-nos melhor sobre a função das figuras.

2.3.6 Tipos de argumentos.

A primeira classificação dos argumentos é feita por Aristóteles que os divide em Indutivos e Dedutivos, sendo os primeiros baseados em exemplos e os segundos em entimemas[8].

[8] Silogismo em que falta ou esta subentendida uma premissa, tal como ocorre com frequência no discurso cotidiano, que suprime as asserções pressupostas pelos interlocutores (p.ex. “Pedro está com febre, logo está doente”, que ilide “todos os que têm febre estão doentes”)

Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) afirmam que os argumentos são apresentados em forma de associação ou dissociação. Há na associação o princípio da solidariedade, cujo objetivo é aproximar os elementos estabelecendo entre eles uma relação de união. Já, na dissociação, o princípio básico é a ruptura de elementos dentro de um conjunto, cujo objetivo é apresentar ao auditório os inconvenientes das relações estabelecidas indevidamente entre os elementos da argumentação. É através da dissociação de idéias preconcebidas que uma pessoa tenta superar as incompatibilidades e restabelecer uma visão coerente da realidade.

Argumentar implica um espaço discursivo sócio-comunicativo, o lugar da consciência do homem nas relações sociais estabelece-se nos sistemas institucionais, em lugares históricos vigentes. Deste princípio, a realidade social é o espaço de onde se constrói a comunicação como ação argumentativa: "implica comunhão das mentes, tomada de consciência comum do mundo tendo em vista uma ação real; supõe uma linguagem viva, com tudo o que esta comporta de tradição, de ambigüidade, de permanente evolução" (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p.379).

Reboul (2004, p.164) se baseia em Perelman & Olbrechts-Tyteca retomando a idéia de que não há argumentação possível sem algum acordo prévio entre o orador e seu auditório. Assim, há “premissas comuns”, implícitas ou explícitas, que constituem esse acordo.

.

2.3.7 As técnicas argumentativas

Há dois grupos principais de processamento argumentativo: os de ligação que visam à aproximação de elementos distintos estabelecendo laços de solidariedade (argumentos quase-lógicos, argumentos baseados na estrutura do real e as ligações que fundamentam a estrutura do real); e os de dissociação que visam a técnicas de ruptura onde se almeja dissociar, separar ou desunir.

2.3.8 Argumentos quase-lógicos

O Tratado da Argumentação de Perelman & Olbrechts-Tyteca começa com um grupo de argumentos que os autores denominam quase-lógicos. Reboul (2004) afirma que essa expressão pode surpreender, pois afinal um argumento é lógico ou não é! Mas sabemos que a argumentação rejeita a lei do tudo ou nada. Na realidade, cada um dos argumentos quase-lógicos é aparentado com um princípio lógico, como a identidade ou a transitividade; e, assim como eles, são a priori, no sentido de que não fazem apelo à experiência. Mas, ao contrário dos princípios lógicos da demonstração, podem ser todos refutados demonstrando-se que não são "puramente lógicos".

Os argumentos quase-lógicos pretendem certa força de convicção por semelhança a raciocínios lógicos.

A argumentação quase-lógica se apresentará de uma forma mais ou menos explícita. Ora o orador designará os raciocínios formais aos quais se refere prevalecendo-se do prestígio do pensamento lógico, ora estes constituirão apenas uma trama subjacente.

2.3.9 Argumentos baseados na estrutura do real

De acordo com Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005), os argumentos baseados na estrutura do real são aqueles que permitem passar daquilo que é admitido ao que se quer fazer admitir. Desde que haja elementos do real associados uns aos outros numa ligação reconhecida, é possível fundar nela uma argumentação. Enquanto os argumentos quase-lógicos têm pretensão a certa validade em virtude de seu aspecto racional, os argumentos fundados sobre a estrutura do real valem-se dessa estrutura para estabelecer uma solidariedade entre juízos admitidos e outros que se procura promover. Relacionam-se às ligações de sucessão (por exemplo, causa e efeito) ou às ligações de coexistência (por exemplo, a pessoa e seus atos).

As ligações de sucessão são estabelecidas pela ligação causal, pelo

argumento pragmático, pela relação meio-fim e pelo argumento do excedente. A partir da afirmação de uma ligação causal, a argumentação pode dirigir-se em direção à procura das causas, à determinação dos efeitos ou à apreciação de um fato através das suas consequências.

As ligações de coexistência apresentam a relação entre a pessoa e seus atos. Tudo o que se afirma de uma pessoa justifica-se pela maneira como esta se manifesta, mas é a unidade e a estabilidade da pessoa que unifica o conjunto dos seus atos. São o caráter da pessoa, as intenções que se lhe atribuem que dão sentido e alcance explicativo ao seu comportamento.

2.3.10 Argumentos que fundam a estrutura do real

São os argumentos que, a partir de um caso conhecido, permitem estabelecer um precedente, um modelo ou uma regra geral, como os raciocínios pelo modelo ou pelo exemplo.

Nesse tipo de argumentação um caso particular é utilizado, generalizando-o como que indutivamente, para estabelecer aquilo que se acredita ser uma estrutura do real socialmente construído. Reboul (2004) classifica esses argumentos como do terceiro tipo e afirma que eles também são empíricos, mas não se apóiam na estrutura do real: criam-na; ou pelo menos a completam, fazendo que entre as coisas apareçam nexos antes não vistos, não suspeitados.

Os argumentos identificados durante a análise serão retomados no capítulo de análise para melhores esclarecimentos.

3 "A VIAGEM": UMA ANÁLISE PROSÓDICA E ARGUMENTATIVA

Neste capítulo, buscaremos realizar o entrecruzamento entre as teorias que acabamos de expor: prosódia, argumentação e retórica, à medida que cada uma se destaca no *corpus*, e, principalmente, analisar como os recursos prosódicos incidem nos elementos retórico-argumentativos, corroborando a construção da persuasão no discurso analisado.

Entretanto, algo imprescindível para estrutura de nossa análise é entender o real conceito do termo "viagem".

De acordo com Chevalier (1990) o conceito de "viagem" possui uma significação muito rica, além de variada. Para o estudo, interessa-nos reter a idéia de que geralmente a viagem é entendida como "busca da verdade, da paz, da imortalidade, na procura e na descoberta dum centro espiritual" (CHEVALIER, 1990, P.691). Pensa-se que o desejo de viagem exprime mais uma vontade profunda de mudança interior ligada à insatisfação do que uma deslocação espacial.

Padre Marcelo utiliza-se desse desejo comum de mudança para propor no início de seu discurso, que seus ouvintes embarquem nessa viagem[9] "*eu convido você a fazer a experiência comigo"* rumo ao encontro de Jesus: "*vamos até Ele*". O convite encontra eco porque o auditório é composto por pessoas que partilham a mesma crença religiosa pautada no catolicismo, ou seja, trata-se de um auditório particular que, de acordo com Reboul (2004, p. 93), "é diferente de outros auditórios primeiro pela competência, depois pelas crenças e finalmente pelas emoções".

Consciente da receptividade de seu auditório, que é composto na maioria por pessoas que estão vivenciando momentos de aflição e necessitando encontrar amparo em

[9] A título de ilustração, no inconsciente coletivo, "a viagem" retoma o título de uma telenovela de grande sucesso, que abordou o espiritismo, e romanceou a vida após a morte. Esta telenovela ostenta o título segundo maior ibope da história. Se observarmos na literatura mundial, a idéia de viagem também está relacionada à mudança. Como por exemplo: Os Lusíadas; A Odisséia; A Divina Comédia e D Quixote de La Mancha.

suas palavras, o orador, durante "A *viagem*", conclama o auditório a estabelecer um diálogo com Deus. Durante esse momento, que é de oração, ele sugere:

> Devemos estar atentos à resposta de Deus, que vem através de nosso espírito ou através das circunstâncias exteriores. É através da oração que nós colocamos nossas ansiedades nas mãos de Deus, crendo que Ele é poderoso para nos dar paz interior, e resolver nossos problemas da melhor maneira possível para nosso crescimento espiritual. Quando somos iluminados por Deus, em nossa consciência, de nossos pecados, nós devemos imediatamente pedir perdão a Deus, através da oração, pedindo para sermos lavados pelo seu sangue, e nossos pecados serão perdoados.(ROSSI apud SOUZA 2005, p. 40)

Aristóteles destaca o quanto o momento inicial do discurso, o exórdio, é importante para consolidar as características do orador e, ao mesmo tempo, despertar paixões. E ainda consoante Tringali (1988, p. 82), "é a parte introdutória, o primeiro contato entre orador e público, diz-se que: a primeira impressão é a que fica". Neste primeiro contato objetiva-se, ainda de acordo com o autor, obter a benevolência dos ouvintes para torná-los simpáticos bem dispostos e favoráveis a se deixarem guiar.

No que tange a relação entre o orador e seu auditório Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005), afirmam que cabe ao auditório o papel principal de determinar a qualidade da argumentação e o comportamento dos oradores, bem como, esclarecem que o importante na argumentação não é saber o que o próprio orador considera verdadeiro, ou probatório, mas qual é o parecer daqueles a quem ela se dirige. Sendo assim, concluem os autores: "Há apenas uma regra para o orador, que é a adaptação do discurso ao auditório." (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.34).

Em nossa análise verificamos que Padre Marcelo Rossi ao convidar seu auditório a se imaginar uma criança e ir ao colo de Jesus, realiza uma inversão da função argumentativa do orador que é o de se adaptar ao auditório. Ele transfere ao auditório, o papel de adaptar-se ao discurso, ou seja, imaginar-se "criança". Acreditamos que essa inversão de papeis é primordial na efetivação do discurso, pois ao condicionar seu auditório a se "transformar" em criança o orador tem em mente que duas qualidades dos seres dessa fase: a obediência e a dependência.

Padre Marcelo inicia seu discurso com um convite direto. Utiliza o pronome de tratamento informal "*você*". Esta será a forma como ele se dirigirá ao seu auditório durante todo programa, o orador propicia assim, ao ouvinte, a sensação de intimidade. Nesse momento, sobressai-se uma qualidade de voz cujo aspecto é de sedução e serenidade, "*Eu convido você a fazer a experiência comigo...*". Encontramos neste trecho uma velocidade desacelerada e o volume baixo[10]. Conforme Bollela (2006), tais estratégias são utilizadas como recurso para reforçar a importância do que se diz ou será dito em seguida. Essa sensação de intimidade ocasionada pelo uso constante do pronome de tratamento "você" tem por objetivo eliminar a distância que separa o orador do auditório. Em nosso *corpus a* palavra supracitada aparece oitenta e seis vezes. Selecionamos alguns trechos[11] da oração para observarmos a ocorrência:

> quando **você** me lou::va ... em verda::de ... quando **você**:: ... esquece de si mes::mo ou si mes::ma ... e dos seus problemas ... e **você** ERgue o olhar ... e me lou::va ... **você** ... me torna seNHOR dos seus problemas ..(9" – 05090951)

> QUAN::do **vo-cê** ... passa por uma situação difícil ... e **você** quer ... por SUa força ... resolver ... mais e mais **você** vai ... na AU::tossuficiência se machucando ... é como dar MUrro ... numa faca afiada ... **você** vai se machucar ... agora ... se **você**:: ... reconhece isso é humilda::de ...(1'27" – 04090949)

Acreditamos que a utilização constante do pronome "você" funciona como palavra de abrangência e inclusão ilimitada e, consequentemente, como mecanismo de endereçamento e ratificação de qualquer ouvinte virtual. Recorrer a essa estratégia é uma maneira muito eficaz de fazer o ouvinte se sentir participante real da interação radiofônica, o que garante também a sobrevivência deste veículo como meio de integração de pessoas e disseminação de idéias.

---

[10] Em uma conversa normal, a intensidade oscila entre 40 e 50 dB e, segundo a maioria dos autores, a intensidade máxima da voz humana varia entre 60 e 120 dBs.

[11] A notação usada para a transcrição do *corpus* obedece às normas do projeto NURC, extraído de CASTILHO & PRETI (1986). A linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo, vol. II – Diálogos entre dois informantes. São Paulo. T. A. Queiroz/EDUSP, p. 9-10. A tabela usada encontra-se no anexo I.

Supomos também, que a palavra "você" retoma, no inconsciente do auditório, o discurso de auto-ajuda no qual a responsabilidade da mudança recai sobre o ouvinte. Tudo depende exclusivamente das atitudes tomadas por esse "você", as pessoas é que são responsáveis por serem felizes ou não, por atingirem os objetivos ou não, enfim, responder por seus atos, assumir os seus atos. Cortina (2008, p.103) pontua que uma marca do discurso de auto-ajuda é a centralidade do enunciatário, ou seja, "*cada individuo é responsável por tudo por tudo o que acontece consigo próprio"*.

O Padre usa uma qualidade de voz mais firme, decidida e taxativa ao utilizar o pronome supracitado, como vemos no exemplo a seguir: *"Aprenda a louvar e aprenda a agradecer, primeiro você vai agradecer. O que/ que você tem a agradecer? Padre eu não tenho nada! Lógico que* ***você*** *tem!* ***Você*** *ta respirando! A vida! Seus filhos! Agradeça primeiro e depois..."* (1'15" - 04090941) nesta sentença o orador faz uso de uma tessitura com nível mais agudo e, de acordo com Cagliari (1992, p. 141), "o valor "pessoal" dado a certos argumentos em debate vem marcado pela variação da tessitura: níveis mais baixos pretendem imprimir mais razão, autoridade, níveis mais agudos, contestação, exaltação". Por meio da mudança da variação da altura melódica da fala, o orador traz para seu discurso um efeito de autoridade. A prosódia empregada remonta no auditório a idéia de autoridade que o Padre possui por ser um representante do Divino na esfera terrestre.

No discurso radiofônico de Marcelo Rossi, podemos perceber que a voz e os elementos prosódicos têm um papel primordial na composição do enunciado, muitas vezes, a voz fala mais do que o discurso: a estrutura simples, informal, aparentemente não planejável e, em certos momentos, até desestruturada demonstra que o importante não é o que ele fala e sim a forma como ele fala, como podemos observar no excerto abaixo:

> *e eu convido você a fazer a experiência comigo... LUcia por favor me esCU::te ... FA...ça comigo ... Rita a mesma coisa* ***... né****? só pocês terem idéia ... o que é ... a unção do espírito de Deus ... há momen::tos ... que eu vou em (casas)* ***... eh::*** *... ou em veló::rio uma coisa ... que você não tem o que falar****::... né?*** *você tem que só abraçar:::... agora... porque a pessoa não está na revol::ta ... ela esTÁ ...* ***na/na*** *no momento de dor... mas:::... quando a pessoa ... está como no caso* ***dela dela ... cê vê*** *que eu (dei) um tempinho -- -- com TOdo carinho -- -- ... eu fui perguntando eu queria saber o NOme do marido ...* ***né****::? ... eu queria saber ... e ela não (me) deixou ela* ***"ah*** *por quê?* ***blá blá blá"... aí*** *( ) o Senhor manda ser eNÉRgico ... e falar as verda::des::... quem somos nós para ... {por* ***quê? por quê?}*** *... NÃ::o ... feliz (é) aquele que se entre::ga... esse .. depois enten::de ... -- - (1'45" – 04090937/ 1" 04090939)*

Analisando o trecho acima, percebemos que por ser a oração um texto espontâneo e próprio da oralidade, esse carrega marcas de reestruturação próprias da fala, o que o torna, em certos momentos, desconexo e confuso. O orador se vale dos elementos prosódicos para criar no auditório uma atitude mais receptiva e assim obter a adesão dos mesmos. Constatamos o uso incessante de pausas, ora para organizar o discurso, ora representando hesitação e titubeio. Consoante Bollela (2006), a pausa possui várias funções: morfológica, sintática, semântica e pragmática. No entanto, as que mais se sobressaem neste trecho são as pausas de reestruturação de produção da fala e as pausas "fora do esperado", que representam hesitações e indicam, de acordo com Cagliari (1992, p. 143), "uma re-organização do processo de produção da fala (ou da linguagem, melhor dizendo), ou uma atitude do falante para impressionar o interlocutor".

Percebemos, que agregado às pausas, ocorrem expressões extremamente informais (essas expressões destacadas em negrito são verbalizadas nove vezes em um período de 1minuto e 4 segundos) como: *né, aí, blá blá blá, eh*, o que reforça esse processo de reorganização do discurso do orador. Esse tipo de expressão informal aparece durante todo o programa.

Com intuito de clarificar nosso estudo, observemos este fato no quadro abaixo que é o resultado da análise realizada pelo programa computacional Praat.

Para podermos interpretar os quadros gerados por esse programa convém lembrar que o Praat é uma ferramenta acústica para a análise de voz, desenvolvida por Paul Boersma y David Weenink, do Institute of Phonetic Sciences, Universidade de Amsterdã. Esse programa, disponível como *freeware* em www.praat.org, permite ao pesquisador realizar inúmeras tarefas, tais como:

- Gravar arquivos de áudio que podem ser analisados em etapa posterior;
- Transcrever, etiquetar e segmentar dados de áudio;
- Realizar análises fonéticas e acústicas em nível segmental (espectrograma, análise de formantes etc.) e suprassegmental (*pitch* [curva de F0], intensidade e duração etc.);
- Realizar síntese da fala;
- Construir ferramentas para aprendizagem;
- Elaborar análises estatísticas a partir de estudos fonéticos.

Utilizaremos essa ferramenta com o objetivo de alicerçar nossas análises. O programa nos permite criar um espectograma (figura) na qual será possível observarmos como os recursos suprassegmentais se apresentam no momento da fala selecionada. A pausa pode ser notada através da observação do formato de onda (gráfico em cor preta). Quando há uma linha reta na posição horizontal, há pausa; pois, quando há som, o tracejado torna-se denso na vertical. Observaremos que, em nossos espectros, existem duas marcações com formatos de onda, a primeira diz respeito à fala do orador e segunda trata do fundo musical que é constante durante o discurso. Além disso, a intensidade do som é marcada pela linha de cor verde, que se refere ao volume, os limites de avaliação da intensidade são, máximo: 100 decibéis, mínimo: 50 decibéis; assim, quando a linha verde se mantém no nível dos 50 decibéis é porque não há som audível. A linha azul destina-se a marcar o tom de voz, a tessitura.

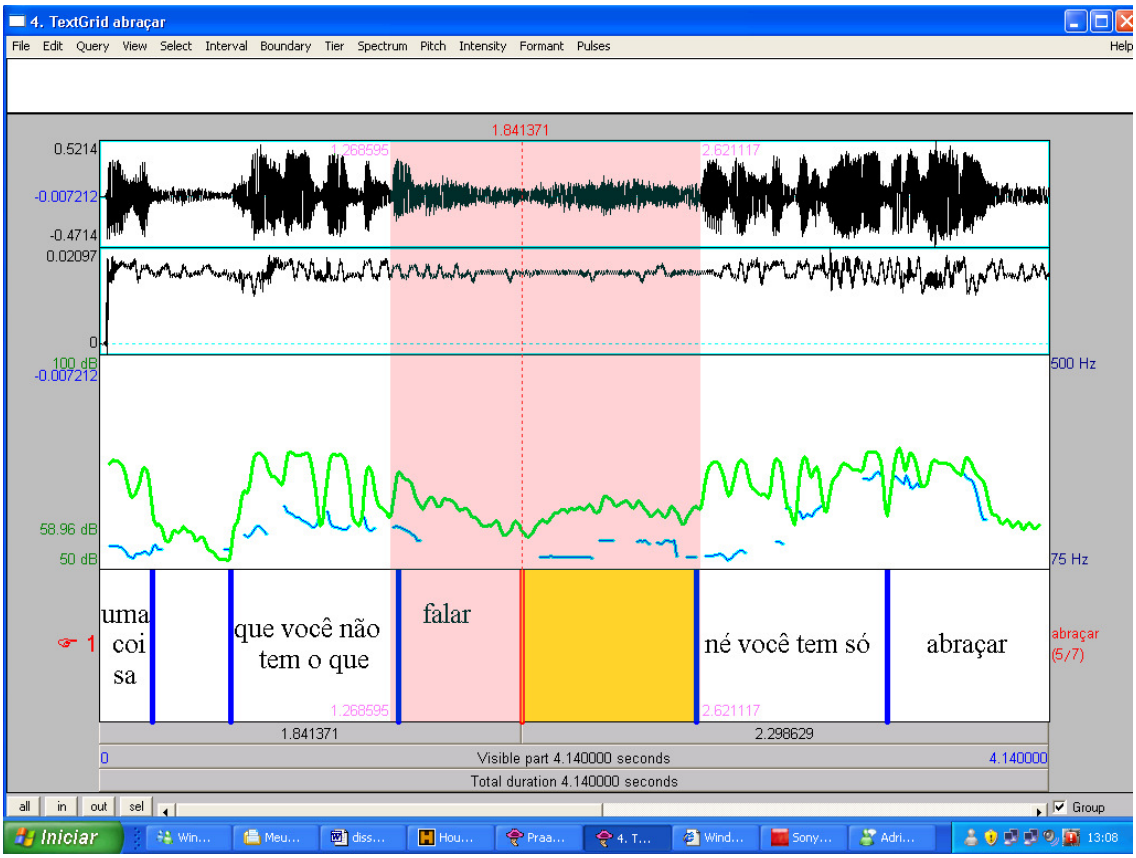

Figura 03 – Informalidade

Ao examinarmos a fig. 3, observamos que, no trecho destacado em amarelo, ocorre uma pausa longa. Fato bastante significativo, pois esta demonstra o processo de reorganização da fala na forma de concatenação, uma reestruturação do que será dito a seguir. Além disso, ocorre, uma desaceleração da velocidade e um decréscimo do volume que começa em *"você não tem o que falar"(8" – 04090939)* , que é iniciada com 76.91dB[12] e termina com 61.01dB. O orador emprega uma qualidade de voz afetuosa, a palavra "*falar*" é bastante alongada e sofre decréscimo no volume e desaceleração na velocidade até terminar em pausa, concomitante a isso o orador emprega uma tessitura grave como observamos através das linhas azuis. "*Falar"* traz uma qualidade de voz aspirada que termina quase como um sussurro, o que reforça a idéia de acolhimento no auditório.

Esse fato incide na construção ética do orador que cria uma imagem de alguém piedoso, que acolhe o outro e seus problemas. Emerge assim, a paixão da compaixão, *"você não tem que falar, você só tem que abraçar*" (8" – 04090939) e segundo Aristóteles (2003, p. 55).

> Temos compaixão dos que nos são semelhantes na idade, no caráter, nos hábitos, nas dignidades, na origem, porque em todos esses casos é mais evidente a possibilidade de também nós sofrermos os mesmos reveses, e em geral devemos admitir também aqui que tudo quanto receamos que nos aconteça causa compaixão quando ocorre a outros.

O auditório, ao se comover com a dor do outro, sabe que também é passível do mesmo sofrimento, da mesma dor, de defrontar com os mesmos problemas e por isso se compadece de seu semelhante. Prosodicamente a palavra "*abraçar"* merece destaque por ser proferida com qualidade de voz chorosa, o que dá a idéia de súplica. No tocante ao volume, constatamos que ao pronunciar este vocábulo, o orador aumenta consideravelmente sua voz. As primeiras sílabas "*abra*" são verbalizadas com 77.83 dB, enquanto a última sílaba "*çar*" sofre um notório decréscimo do volume chegando a atingir 72.83dB. Cagliari (1992, p. 146), afirma que "falar alto pode significar uma atitude

[12] dB unidade utilizada na medida da intensidade do som.

autoritária e falar baixo uma atitude de persuasão, timidez ou respeito". O ato de abraçar está repleto de sentimentos positivos: solidariedade, respeito e afeto, o volume e a qualidade de voz enfatizam essa idéia. O orador em seu discurso demonstra que entende as necessidades mais profundas, ou seja, de abraçar e acolher num momento de dor como só Deus é capaz. "*há momen::tos ... que* ***eu*** *vou em (casas) ... eh:: ... ou em veló::rio uma coisa ... que* ***você*** *não tem o que falar::... né?* ***você*** *tem que só abraçar:::..."(03" – 04090939)*

Ainda observando a questão da formação patética do orador, verificamos que *ethos e pathos* muitas vezes se mesclam simultaneamente durante o processo discursivo. No trecho supracitado, esses elementos retóricos criam no auditório um sentimento de comunhão. O orador empenha-se em fazer o auditório participar ativamente de sua exposição, assimilando-se a ele (PERELMAN & TYTECA, 2005, p. 202). Há uma permutação do "eu" por "você" e surge assim a figura retórica "enálage do número de pessoas". Padre Marcelo utiliza o pronome "você", no entanto, está se referindo a si próprio.

A falta de clareza e exatidão presente no discurso do padre Marcelo se faz evidente no momento em que ele afirma que a maior dor de Jesus não foi o sofrimento físico e sim saber que ia passar por todo o sofrimento pelos seres humanos:

> *... imagina a dor que ele passou ... suou sangue ... depois ... foi ...-- oh Deus o que ele sofreu -- ... flagelos ... MORto na cruz ... imaGIna a dor que ... de um CRAvo eNORme sendo cravado nas mã::os nos pés:: ... a LAN::ça no pei::to ... as coROa de espinhos ... bofeta::das ... mas essa não foi a pior dor ... a dor foi saber que ele ia passar por tudo isso por você e por mim ... por isso que ele suou sangue ...PAI...olha só a dor(30" – 04090945)*

Nesse momento ele cria um silogismo sofistico que, de acordo com Tringali (1988, p.72), é aquele que: "Quando através de trapaças formais e materiais intenta-se enganar de modo a fazer passar o falso por verdadeiro", ou seja, apresenta uma proposição falsa como verdadeira. Vejamos o raciocínio:

> Quando fazemos alguém sofrer somos responsáveis por sua dor e sofrimento. (premissa maior)
> Ora Jesus sofreu por você e por mim. (premissa menor)
> Logo somos responsáveis pela dor e sofrimento de Jesus. (conclusão)

Segundo os preceitos bíblicos, Jesus sofreu por amor à humanidade e sua missão era salvá-la do pecado, sendo assim, Padre Marcelo arrebatado com seu próprio discurso, e na ânsia de torná-lo o mais verossímil possível, faz uma afirmação falsa dizendo que o que mais causou dor em Jesus foi o fato de sofrer pela humanidade. Consciente ou não desse tropeço discursivo, o orador aumenta consideravelmente a velocidade de sua fala, e, se observarmos na fig. abaixo, veremos (destacada na cor rosa) que durante esse momento não ocorre nenhuma pausa; um dos elementos prosódicos que, conforme Cagliari (1993, p. 47), além de poder destacar grupos tonais, funciona como sinalizador de como os interlocutores devem interpretar o que o outro diz; ou seja, a ausência de pausa impede que o auditório tenha o tempo necessário para refletir sobre o que foi dito.

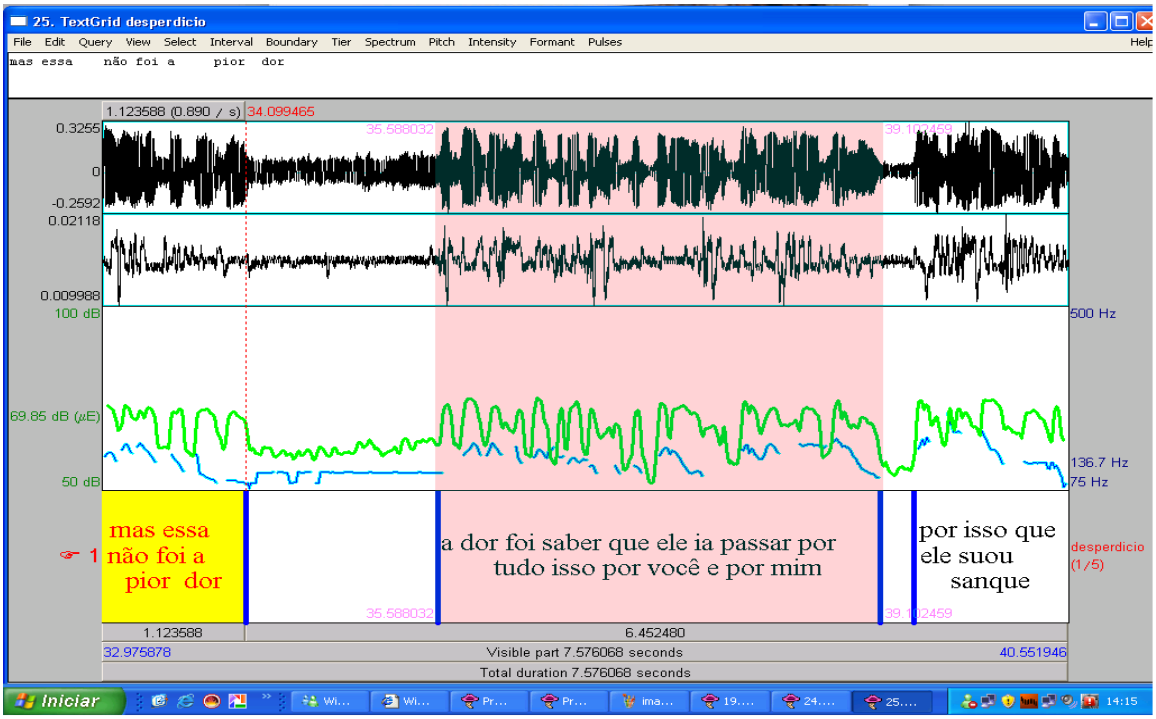

Figura 4- Silogismo

Verificamos, ainda, em nosso estudo, que o orador, no intuito de buscar a adesão do auditório, utiliza-se de técnicas que auxiliam na composição do discurso, e estas manifestam-se na forma de fundo musical e de efeitos sonoros. Analisar a real função dos mesmos dentro do processo discursivo exigiria um profundo estudo. Entretanto, como essa não é nossa proposta, nos ateremos apenas aos momentos em que estes são inseridos com o objetivo de acrescentar, de sublinhar o discurso.

Em nosso *corpus* o fundo musical e os efeitos sonoros são inseridos durante a fala com o objetivo de compor o efeito de concentração e relaxamento e, principalmente, reforçar os aspectos prosódicos. Também auxiliam no processo persuasivo ao incitar no auditório a paixão da calma, e é através dela que o orador busca persuadir seu auditório.

A paixão da calma é despertada nos momentos em que, aliado ao fundo musical, padre Marcelo Rossi apresenta uma qualidade de voz aveludada, mostra um decréscimo no volume da fala e faz uso constante de pausas, criando, assim, um ambiente propício para que se efetive a persuasão.

De acordo com Aristóteles (2003, p. 17), "a calma é uma verdadeira paixão porque reflete, interioriza uma certa imagem que o outro forma de nós, de sorte que, ao mesmo tempo, agimos sobre ele, mantendo (ou encontrando) nossa calma a seu respeito."

Quando o orador fala em crianças surge um efeito sonoro de crianças brincando *"... agora não/num é mais imaginação é poder do Espírito SAn::to... e ao abraçá-lo ... Ele nos vê ... crian::ças::: nesse momento ... você é uma crian::ça((trilha sonora, riso de crianças))::: e por favor... FAça a experiência...".(45"- 04090941)* Quando ele fala em coração é possível ouvir ao fundo os batimentos cardíacos agora ... VOcê ... PEgue suas mãozinhas:: ... que agora somos criANcinhas no colo de Jesus ...e coloque-as no coração de Jesus:: ... e LOUve o senhor ...(1'32"05090943). É importante ressaltar que quando o orador insere esses elementos literais (batimentos cardíacos e vozes de crianças) em seu discurso, reforça a idéia da imagem proposta, é como "ver ouvindo". O s efeitos sonoros, neste caso, ajudam na construção da figura de presença "hipotipose", a qual será amplamente analisada e explorada nos itens subsquentes. Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005, p.26) destacam que:

> Para poder influenciar mais o auditório, pode-se condicioná-lo por meios diversos: música, iluminação, jogos de massas humanas, paisagem, direção teatral. Tais meios foram conhecidos em todos os tempos, foram empregados tanto pelos primitivos como pelos gregos, pelos romanos, pelos homens da Idade Média; os aperfeiçoamentos técnicos possibilitaram, em nossos dias, desenvolvê-los poderosamente; de modo que se viu nesses meios o essencial da ação sobre as mentes.

Outro exemplo de como o orador se vale de efeitos sonoros e fundo musical é percebido quando, no meio da oração, é intercalada uma canção interpretada pelo orador. O tema da música também é o louvor, e a mesma é inserida de forma a completar o pensamento desenvolvido:

> *Mesmo na tempestade, mesmo que se agite o mar*
> *Te louvo, te louvo em verdade*
> *Mesmo na solidão, mesmo longe dos meus*
> *Te louvo, te louvo em verdade*
> *Pois somente eu tenho a ti, tu és a minha herança*
> *Te louvo, te louvo em verdade*
> *Mesmo que me falte as palavras, mesmo que eu não saiba louvar*
> *Te louvo, te louvo em verdade*
> *Mesmo na depressão, até na solidão*
> *Te louvo, de louvo em verdade*
> *Pois somente eu tenho...*

Tringali (1988 p. 195) afirma que o orador com competência oratória "declama, representa diante dos outros, tem algo de ator, estuda os gestos e gosta de ouvir sua própria voz". Um dado interessante observado é que a música nomeada "*Te louvo em verdade*" foi gravada por diversos intérpretes, mas é a versão cantada por ele mesmo, Padre Marcelo Rossi, que é apresentada ao auditório.

Ademais a esses "aperfeiçoamentos técnicos", o orador, sabendo que o ato crer é pautado na emoção, vale-se de diferentes modulações no seu padrão de voz para lograr sensibilizar o seu auditório particular. O aspecto patético do discurso é fundamental para a efetivação do mesmo e do "fazer-crer". E esse "fazer crer" é obtido por meio do uso de elementos retórico-argumentativos auxiliados por recursos que se situam além do nível do segmento, ou seja, os elementos prosódicos.

Os elementos retórico-argumentativos presentes no discurso do nosso orador estão entrelaçados e mantêm uma relação de interdependência com os recursos prosódicos. De modo geral, os argumentos, as figuras e o *ethos* conduzem o auditório *ao pathos*, que é o elemento retórico central no discurso do Padre Marcelo. É através das paixões suscitadas por intermédio dos elementos prosódicos que procederá a persuasão.

Em nossa análise, a paixão é fortemente estimulada através de uma figura retórica, a hipotipose, recurso argumentativo, que visa uma descrição mais acurada e vívida da cena, o orador, busca assim, aumentar o sentimento de presença no auditório, melhor dizendo, a sensação da presença de algo, alguém ou, simplesmente, de uma ação ocorrida, mas que, geralmente, não está presente no momento da efetivação do discurso. De acordo com Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005), esta figura procura mediante uma descrição viva de uma situação impressionar e convencer o auditório. A viagem é de modo geral, baseada nesta figura, pois o efeito primordial para a efetivação do discurso religioso é a identificação e a rendição.

> *"... a maior graça que eu descobri na minha vida feche os olhos... é que nosso DEUS ... Jesus ... é mi-se-ri-cor-di-o-so ... e é esse deus MIsericordioso ... Jesus...que eu convido você a imaginar... de braços aBERtos... vamos até ele ... LÚcia... vá até ele .. RIta... eu também vou... e permita-se...abraçá::-lo...abra::ce-o... agora não/num é mais imaginação é poder do Espírito SAn::to... e ao abraçá-lo ... Ele nos vê ... crian::ças::: nesse momento ... você é uma crian::ça "(1' – 04090941)*

O poder das palavras aqui se fundamenta justamente na força das imagens que suscitam. Através do uso da figura da hipotipose, a cena criada é descrita ou pintada para o auditório e cabe à sua capacidade imaginativa transformá-la em real.

Como já o dissemos, "*A viagem*" é um momento de oração no qual o ouvinte é convidado a imaginar-se uma criança e ir ao encontro de Jesus. Prosodicamente, o orador Padre Marcelo constrói essa cena com a utilização de uma voz mansa e aveludada que inspira confiança àquilo que diz. O volume se mantém baixo com oscilação apenas nos momentos em que silaba as palavras, "*mi-se-ri-cor-di-o-so*" e "*cri-an-ças*" o que segundo Cagliari (1999) e Bollela (2006) demonstra que o falante deseja reforçar sua autoridade

e/ou o valor do que diz. A palavra “misericordioso” recebe uma intensidade que gramaticalmente seria dada através do uso de um advérbio de intensidade. Como efeito demonstrativo, convém observar a análise exposta pela fig. 5.

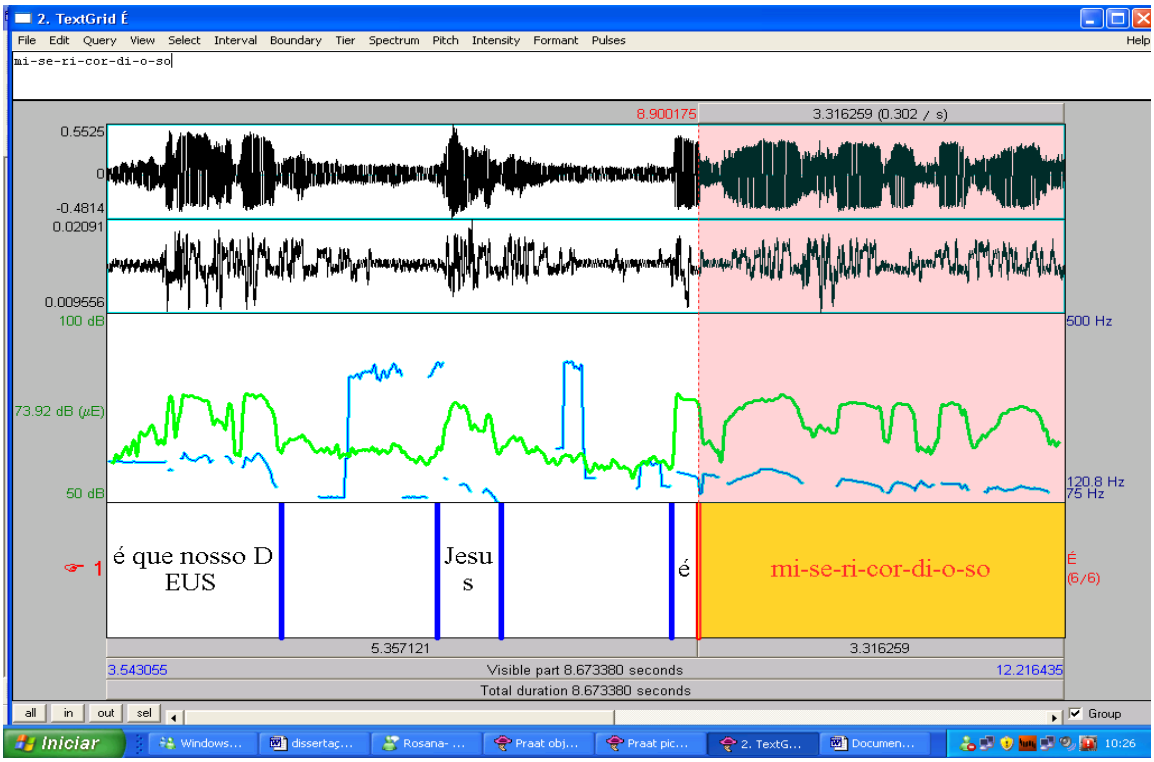

Figura 5 – Hipotipose

Ao observarmos o trecho em destaque na cor amarela, veremos que ocorre uma desaceleração na velocidade da fala. Ao proferir a palavra “misericordioso”, o orador a silaba alongando sua duração (3 seg. 31m). Cagliari (1992, p. 142) afirma que: “o alongamento da duração da sílaba tônica enfatizando a palavra pode indicar um aumento do sentido positivo de uma qualidade ou seu sentido oposto, a depender do que pode ser interpretado pelo contexto discursivo ou pragmático”. Dessa forma, Padre Marcelo Rossi reforça o valor do que diz, ou seja, exalta a misericórdia divina. Este aspecto é tão importante que merece ser dito de forma especial para ser fixado na mente do auditório.

Através das linhas azuis presentes na figura 5, que representam a tessitura, veremos que esta é bastante aguda nas palavras “Deus” e “Jesus”, chegando até a zunir como um assobio. Consoante Massini-Cagliari (2001), em níveis mais agudos a tessitura possui intenção de destacar, porém procurando intencionalmente chamar atenção para o que é dito, como no caso dos vocativos.

Em nosso *corpus* existem ainda duas passagens nas quais o orador descreve, a partir da figura hipotipose, cenas da dor e do sofrimento de Jesus:

> ... você já suou sangue? ... imagina a dor que ele passou ... suou sangue ... depois ... foi ...-- oh Deus o que ele sofreu -- ... flagelos ... MORto na cruz ... imaGIna a dor que ... de um CRAvo eNORme sendo cravado nas mã::os nos pés:: ... a LAN::ça no pei::to ... as coROa de espinhos ... bofeta::das ... mas essa não foi a pior dor ... a dor foi saber que ele ia passar por tudo isso por você e por mim ... por isso que ele suou sangue ... PAI olha só a dor ... “afasta de mim esse cálice ... mas não seja feita a minha vonta::de pai ... a tua”(25” – 04090945)

> mas ele fa::la agora ...olhe em minhas mãos:: ... olhe os meus pés ... ele levanta o cabelo dele ... olha minha testa ... e por fim ... olha o meu coração ... eu deixei as minhas cha::gas ... conservei-as com meu corpo glorio::so ... pra mostrar pra você ... que o MUNdo quer deixar mar::cas ... de DOR:: na sua vida ... e eu posso ... transformá-las em mar::cas de amor ... como eu FIZ ...(1’44” – 07090944/ 1’’ – 07090946)

O orador utiliza o recurso da enumeração para acrescentar os elementos de tortura sofridos por Jesus e, com isso, aumentar a sensação de angústia desse sofrimento, despertando no auditório a paixão da compaixão que, segundo Aristóteles, “ocorre quando sentimos certo pesar por um mal que se mostra destrutivo ou penoso, e atinge quem não o merece” (2003, p. 53). Narrando uma cena presente na memória religiosa dos ouvintes, “a cena da crucificação” de Cristo emociona e torna seu discurso mais atraente. Com a elucidação desta cena ele visa atingir dois de seus objetivos: o de “consolar” a dor alheia, mostrar que a dor do outro é pequena diante de outras dores; e o de propagar a fé cristã, pois Cristo sofreu por “nós”. Podemos verificar esses dados na figura abaixo:

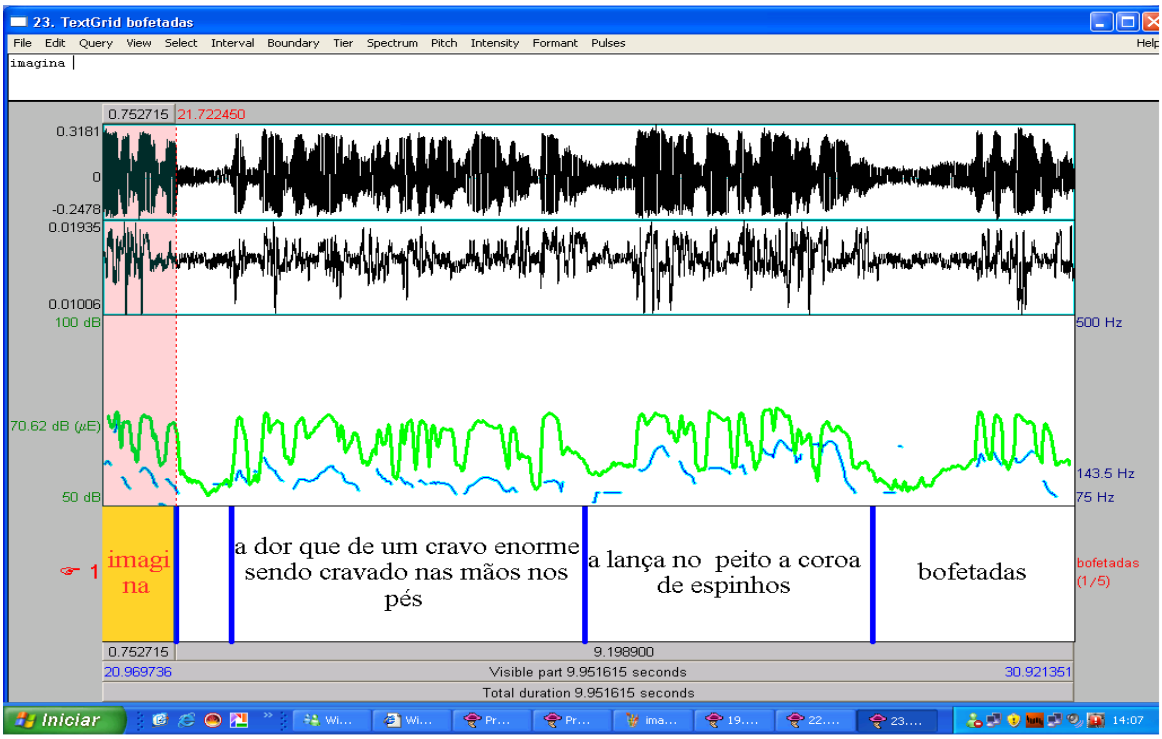

Figura 6 – Hipotipose e *Pathos*

A construção prosódica que acompanha o sentimento de resignação no auditório é criada com a aceleração/desaceleração da fala, com a utilização de pausas que, segundo Bollela (2006), revelam a atitude do falante de chamar atenção ao que foi dito e, ao mesmo tempo, promover com essas pausas o tempo necessário para que o auditório crie na sua imaginação a cena descrita. Isso fica claro quando observamos o número de palavras proferidas num curto tempo: 23 palavras em 9 seg.19 m. O volume alterado constantemente nesse momento reforça, no auditório, o sofrimento narrado e sustenta o sentimento despertado: a compaixão.

Um outro ponto importante nesse trecho do discurso em que a hipotipose é empregada é o momento em que Padre Marcelo, valendo-se dos recursos prosódicos teatraliza e personifica a voz de Jesus, chamando pelo “Pai”. Com a voz carregada de emoção, o orador recria a dor e o sofrimento do Cristo durante o momento da crucificação. O orador performatiza, ou seja, concretiza através da qualidade de voz empregada, o

calvário no imaginário do auditório. Consoante Zumthor (1993, p. 59) “performance refere-se ao momento tomado como presente. A palavra significa a presença concreta de participantes implicados nesse ato de maneira *imediata.*” O autor finaliza argumentado que “ a performance existe fora da duração, por isso mesmo a performance é a única que realiza aquilo que os autores alemães chamam de *concretização*”. A paixão de Cristo é suscitada no auditório com o auxílio dos recursos prosódicos.

Analisando a figura abaixo, notamos através das linhas azuis do gráfico, uma mudança na tessitura, do grave para o agudo. Ocorre simultaneamente um acréscimo de volume, como indicam as linhas verdes. De acordo com Bollela (2006), alto volume indica expressões súbitas de dor, perigo ou grande perturbação. E por fim verificamos a ocorrência de uma qualidade de voz que denota desespero, que se assemelha a um grito.

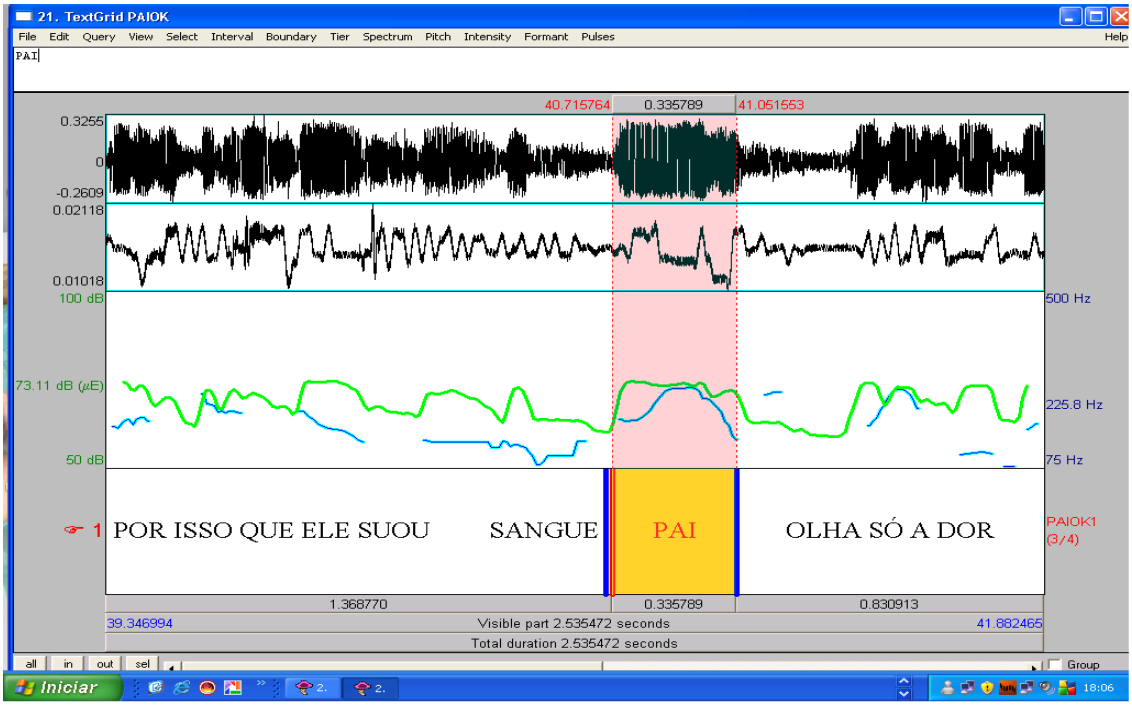

FIGURA 7 – A Hipotipose e a performance vocal

Ainda no tocante a recursos retóricos sobressai-se outra figura de presença: a repetição, que tem um efeito argumentativo de acentuar e reforçar o que é dito. Conforme dito anteriormente, cada semana do programa é relacionada a um tema, o *corpus* refere-se a "a semana do louvor". Percebemos que a utilização sucessiva do termo "louva" tem um efeito argumentativo de intensificar o sentimento de presença no auditório, de levá-lo a um "agir" e consequentemente a aderir às idéias propostas. Para Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005, p. 199) a repetição:

> Não é somente duplicar o efeito de presença; com a repetição, o segundo enunciado do termo parece repleto de valor; o primeiro; por reação, parece relacionar-se exclusivamente com o fato, enquanto, normalmente e sozinho teria parecido conter fato e valor. O efeito de presença é, portanto, subordinado a outras intenções.

No excerto abaixo que tem duração de 1 min. 20 s., o verbo louvar aparece flexionado dezenove vezes:

> *.. e **LOUve** o senhor ... senhor eu te **lou::vo** ... agora estou em oração ... por essa mulher ... magoAda ... que foi traída pelo marido seNHOR ... e ELA tá agora **louVANdo** por esse marido senhor ... senhor eu te **louvo** ... por essa mamãe que perdeu ... o filho ... assassina::do ... seNHOR ... ele foi/foi ... vi/vítima de uma ... chaCIna senhor...eu te **louvo** ... por e::la senhor ... para se liberTAR:: Jesus ... eu te **louvo** por essa esposa que perdeu ... o maRIdo senhor ... eu te **louvo** senhor ... que ela não vai reclamar MA::is senhor ... ela vai te **louvar**:: e o **louvor** vai/é a libertação de::la ... senhor eu te **lou::vo** ... por essa esposa que sofre TANto com esse marido ... eu te **louvo** por e-ssa ... SOgra ... que tá sofrendo TAN::to com a nora ... com o gen::ro ... senhor eu te **louvo** ... por esse cunha:::do por essa cunha:::da ... eu te **louvo** senhor ...-- o inverso --...o senhor mostra ... uma nora sofrendo MUIto com a so::gra ... **LOUva** por E::la **... LOUve** ... **LOUve** ... senhor eu te **LOUvo** ... eu te **louvo** por essa pessoa que não fala ma::is ... com ... um/uma pessoa que era grande amiga não fala mais louva por e::la ... o segredo do **louvor** ... é quanto ma::is eu **louvo** ... MA::IS a GRAça de Deus aconTEce ...*
> *(1'' - 05090945)*

Reboul (2004) afirma que a figura (qualquer que seja ela) é essencial em um discurso eficiente e acrescenta ainda que "se o argumento é um prego, a figura é o modo de pregá-lo". Nesse exemplo, em relação à prosódia, é notado que nas repetições do termo

"*louve"* ocorre uma alteração da tessitura que passa de grave para aguda, o que, de acordo com Bollela (2006), indica exaltação e acarreta acréscimo de significação ao discurso. É uma palavra que carrega uma asserção enfática. Concomitante a esse fato, verificamos o uso abundante de pausas, que ocorrem antes ou após a palavra *"louve"* que ainda, segundo Bollela (2006), tem a função de destacar e reforçar o que foi dito ou se vai dizer.

No discurso do Padre Marcelo, há notadamente uma preocupação em construir uma imagem crédula diante do ouvinte. Essa condição é um elemento essencial no processo retórico/argumentativo. Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005, p. 25) expõem que "o importante na argumentação não é saber o que o próprio orador considera verdadeiro, ou probatório, mas qual é o parecer daqueles a quem ela se dirige".

Podemos perceber que os traços do *ethos* têm relação direta com a imagem que o orador quer construir diante do auditório, ou seja, a "boa impressão" dependerá das informações que o primeiro fornece ao segundo. O orador marca linguisticamente sua posição superior à do auditório ao fazer uso de discurso direto empregando um verbo na 3ª pessoa (manda): "*Jesus manda um recado para você*", fato que explicita sua relação de proximidade com Jesus. O Padre se coloca como um mediador da palavra de Jesus, um veículo do qual a entidade divina se utiliza para se comunicar, o que lhe confere posição de destaque, uma vez que o torna um ser privilegiado.

Outro argumento que reforça o *ethos* de escolhido por Deus é o uso "dom de ciência", ou de revelação, prática característica da igreja católica na qual o escolhido recebe a manifestação do Espírito Santo, e a ele é concedido o dom de revelar uma ação que Deus já está fazendo, como uma cura, ou uma situação, com a finalidade de transformação e conversão. Sendo assim, o orador consegue ouvir o que outro não ouve, e por vezes, enxergar o que o outro não vê *"... há uma pesso:: a que está reclaman::do não é hora ago::ra ..."(15"- 04090943);* subentendesse que ele se faz, neste momento, onipresente, assim como o próprio Deus.

Durante seu discurso, Padre Marcelo adota qualidade de voz aveludada, principalmente nos momentos de aconselhamento. Ocorre também a sibilância e o conselho surge quase como um sussurro "*não é hora ago::ra*". Notamos ainda nesse momento que a qualidade de voz expressa delicadeza e doçura. Outro dado que observamos diz respeito à altura melódica, o orador ao reduzir o volume e a velocidade de sua fala, busca a função

pragmática que, de acordo com Bollela (2006), incide maior valor a algo que se diz, ao mesmo tempo, demonstra a condição superior de Padre Marcelo, sua construção ética de possuidor do dom de ciência. A tessitura grave empregada carreia aspecto de benevolência e de paternalismo ao seu discurso.

Ainda buscando constituir seu *ethos*, ou seja, a imagem de si diante do auditório, prosodicamente, o orador usa a pausa para diferenciar quem fala naquele momento do discurso: ele ou Jesus. No momento em que o orador dá voz à divindade, procede a um aumento dos níveis da tessitura, isto é, emprega tessitura mais grave. No mesmo excerto acima, encontramos o argumento de autoridade que se baseia na estrutura do real. Todas as vezes que Jesus fala através da voz do orador, semântica e argumentativamente, o fato carreia um efeito de veracidade e de autoridade à fala. E o argumento de autoridade, de acordo com Reboul (2004, p.177), "justifica uma afirmação baseando-se no valor de seu autor" porque "se foi ele que disse, pode-se acreditar".

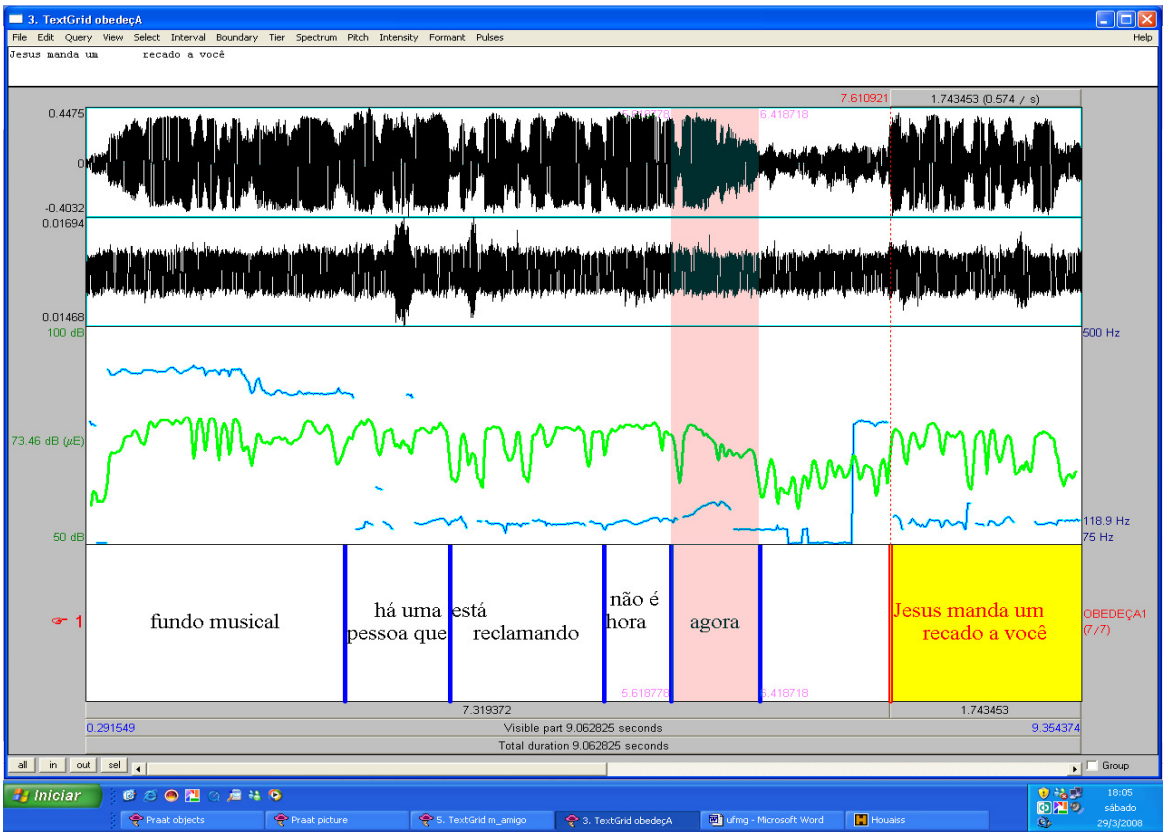

Figura 8 - *Ethos* de escolhido

O padre, em sua construção ética, busca deixar claro sua proximidade com a entidade divina e assim instaurar um *ethos* de autoridade: "*ObedeÇA:::... ao MEU amigo*"(20" – 04090943) , logo, ele tem autoridade para proferir a palavra sagrada, tem "contato direto" com Deus, pois é amigo de Jesus. O uso do verbo "obedecer" no imperativo afirmativo na primeira pessoa do singular indica uma ordem direta e categórica de Jesus. O orador, para evidenciar que neste momento quem fala é a voz divina, emprega um nível mais grave de tessitura (como é exibido na tela a seguir por meio das linhas azuis que lhe correspondem) que tem, de acordo com Bollela (2006), a função pragmática de indicar mais razão e autoridade. O volume, que na fig. 9 é representado pelas linhas verdes, se mantém estabilizado (inicia a palavra "obedeça" com 76.79dB e a termina com 76.78 dB) e é somente através da tessitura que percebemos que quem supostamente fala é Jesus. Ao alongar as duas últimas sílabas da palavra, o acento recai sobre a última reforçando a ordem dada.

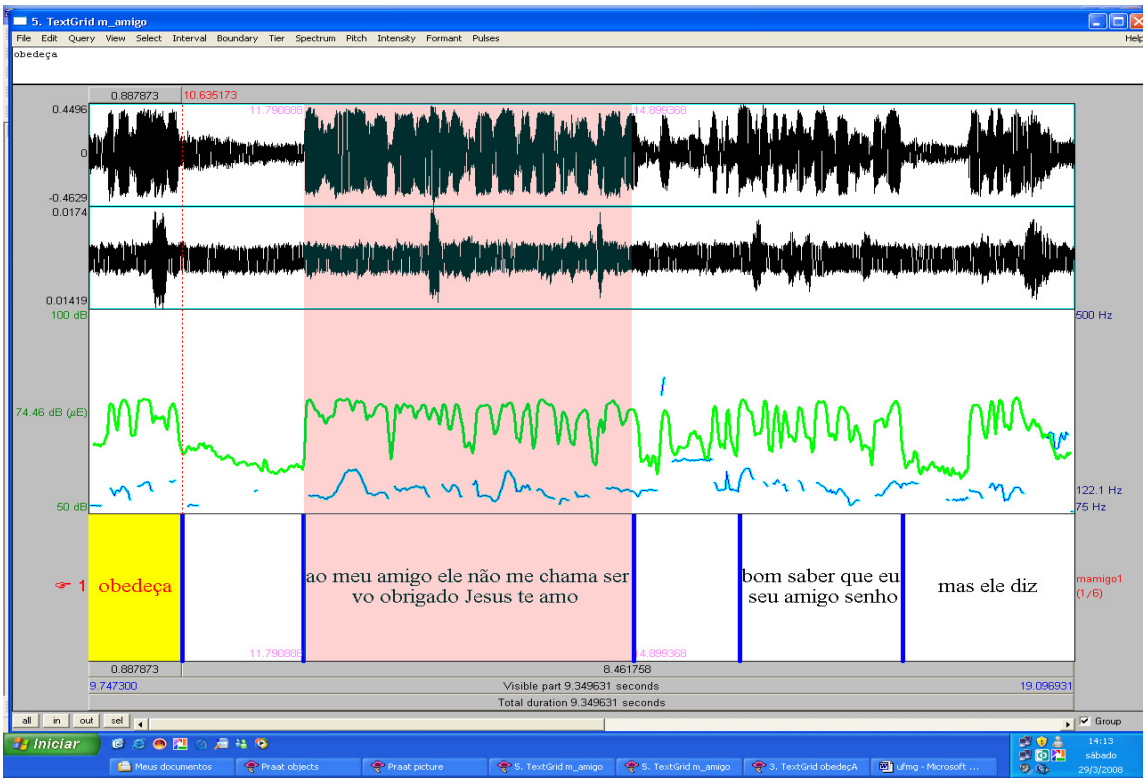

Figura 9 – *Ethos* de superioridade

Outro dado relevante no trecho é quando o enunciador confere a si mesmo um *ethos* de superioridade ao enfatizar a idéia de não ser um servo qualquer, e sim um amigo do filho de Deus, como faz questão de afirmar: "*... ele não me chama de servo... oh obrigado Jesus t/te amo... que bom saber que sou seu amigo seNHO...*." 24" – 04090943). Fica claro que o orador confere a si mesmo um *status* superior para legitimar o seu dizer e explicita o fato para seu ouvinte. A qualidade de voz alegre percebida por meio da articulação secundária gerada pelos lábios espalhados durante o sorriso usada na sentença em negrito *"que bom saber que sou seu amigo"* denota sensação de conforto, alívio e júbilo devido ao fato de não ser colocado na categoria dos "simples mortais".

Ao mesmo tempo em que o orador se posiciona de forma superior, ele também faz questão de mostrar que tem problemas, assim como seu auditório*: "... agora sim ... eu convido você a louvar ... e a louvar as coisas diFÍceis ... que estamos ( ) que eu me coloco junto ... passan::do ... em família ... no trabalho ... na saúde ..."(1"48 – 04090943).* Neste momento*,* ele demonstra proximidade com o ouvinte, mas da posição de alguém que consegue superar as dificuldades, pois vivencia a prática de seus argumentos, baseados na fé, que consiste na resignação e em louvar o senhor.

O *ethos* exerce papel essencial na constituição da credibilidade de um discurso, pois é a partir dele que o orador conquista autoridade para falar o que fala.

Padre Marcelo, sabedor de que ocupa um lugar privilegiado, uma vez que tem a oportunidade, através do meio de comunicação, de atingir um grande número de ouvintes que buscam sua palavra, faz uso do imperativo para orientar o outro. A imagem que ele tem do interlocutor é a de alguém que está precisando de ajuda, por isso liga o rádio para ouvi-lo. Percebemos isso quando ele chama o ouvinte para fazer "*a experiência*". O orador também sabe que seu discurso é uma pregação que visa fortalecer, e por vezes, até consolar, seu auditório, e que este irá se identificar com algumas situações expostas, portanto, se o ouvinte guiar-se pelo discurso proferido terá um encontro com um Deus misericordioso, que estará de abraços abertos para aliviar-lhe o sofrimento.

Tringali (1988 p.76) sustenta que o orador deve apresentar-se humilde durante o discurso, e que há uma ligação profunda e arraigada entre a vida e o discurso, e que o discurso reflete a vida do orador. Comprovamos, por meio do excerto abaixo, que

existe na fala do orador, uma preocupação em se mostrar humilde e piedoso com seu auditório:

> "mas:::... quando a pessoa ... está como no caso dela dela ... cê vê que eu (dei) um tempinho -- -- com TOdo carinho -- -- ... eu fui perguntando eu queria saber o NOme do marido ... né::? ... eu queria saber ... e ela não (me) deixou ela "ah por quê? blá blá blá"..."(18" – 04090939)

Utilizando-se dos aspectos prosódicos para reforçar seu *ethos* de piedoso, o orador aumenta consideravelmente o volume da sua voz ao proferir a primeira sílaba da palavra "TOdo", que chega ao pico de 78.61 db (cf. fig.10 a seguir). Ao elevar a voz nesse momento, o padre objetiva reforçar o que está sendo dito "com TOdo carinho", ou seja , sua ação em relação ao ouvinte não foi uma simples palavra e sim um comportamento extremamente carinhoso. Concomitante ao aumento do volume, notamos a mudança na tessitura, de aguda para grave, sinalizando mais razão e autoridade no discurso proferido. A palavra "carinho" sofre um alongamento na última sílaba "nho" modificando o seu significado literal, ou seja, reforça a idéia de que o carinho com que o orador atende o ouvinte não é um simples carinho e sim um carinho paternal, legítimo e verdadeiro. Para Cagliari (1992 p.142) "usa-se, às vezes, o recurso do alongamento da pronúncia de certas palavras para significar qualidades atributivas, que normalmente são expressas por itens lexicais". A qualidade de voz dócil e meiga intensifica a imagem de alguém complacente para com seu semelhante.

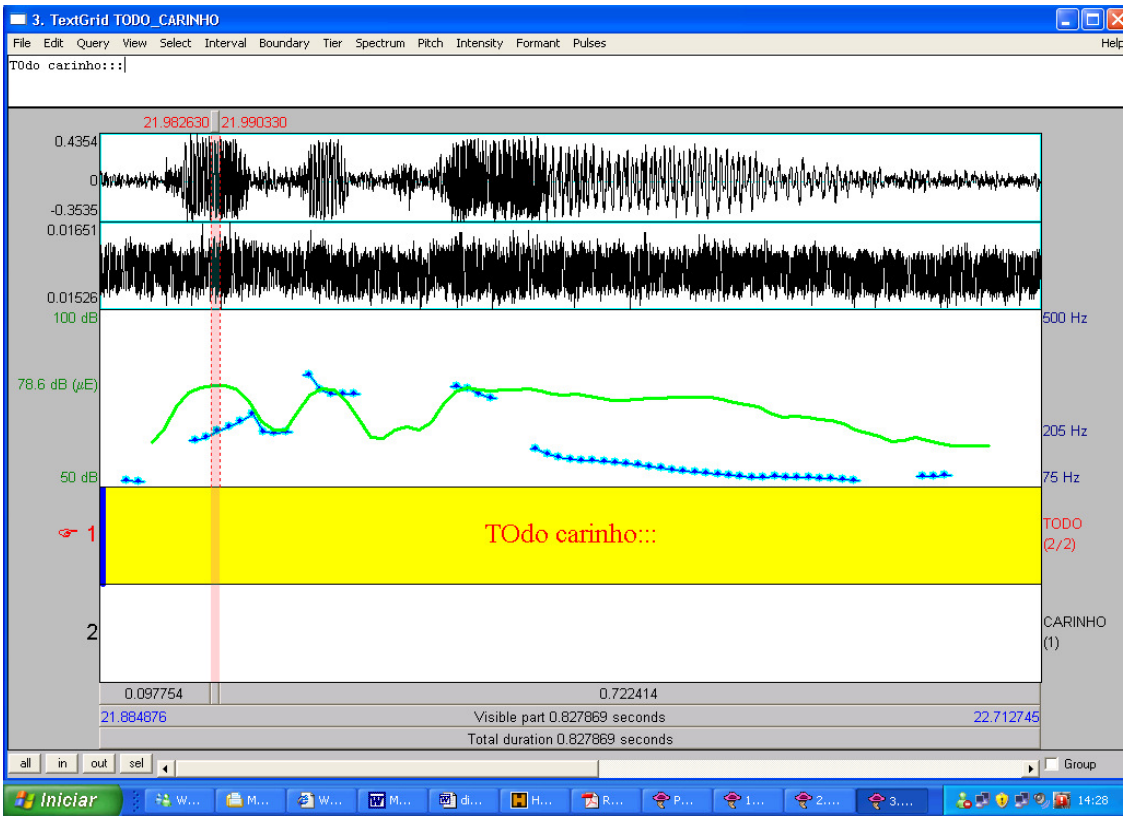

Figura 10 – *Ethos* de Piedoso

Observamos, por meio análise, que o recurso prosódico de alongamento da palavra “carinho” instala no discurso o tom paternal e consequentemente o reforço da formação ética e patética do orador e, ao mesmo tempo, reforça o argumento de autoridade que permeia todo o discurso religioso.

Em nosso estudo, pudemos observar que o discurso do padre Marcelo Rossi durante a “Viagem” fundamenta-se, sobretudo, no seu *ethos*, na figura retórica hipotipose e consequentemente nas paixões que estes dois elementos despertam. Entretanto, não poderíamos deixar de mencionar que os argumentos presentes durante a exposição discursiva desse orador possuem também um papel relevante na composição e efetivação da persuasão.

O discurso religioso é de certo modo revestido de uma autoridade, o orador durante o discurso é aquele que fala em nome de Deus, é o representante da entidade divina na terra. Sendo assim, sua fala é amparada essencialmente pelo argumento de autoridade.

Ademais ao argumento de autoridade, já citado anteriormente, procederemos, em nosso *corpus*, a uma busca por outros argumentos presentes no discurso de Padre Marcelo Rossi, procurando identificá-los. Além disso, buscaremos verificar se os elementos prosódicos aliam-se a eles para que se proceda à efetivação do crer e aceitar, ou seja, da persuasão.

Durante nossa análise, encontramos também o argumento de definição. Do tipo quase-lógico, esse argumento tem por objetivo estabelecer uma identidade entre o que é definido e o que define. Vejamos alguns trechos em que nosso orador utiliza esse recurso argumentativo:

1- "o que que é o inferno queridos? ... é estar eternamente longe de Deus ..."(1' 7" – 04090943)

2- "humilhar é reconhecer seus limi::tes"(8" - 09090948)

Muitas vezes, ao definir um termo, um orador o apresenta de forma a adaptá-lo á sua argumentação. Nos trechos acima, o orador faz uso de definições normativas, já que estas indicam uma interpretação dos significados da palavra feita pelo próprio orador, isto é, o modo como ele quer que a palavra seja utilizada.

Consoante Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005), o caráter argumentativo da definição fica evidente quando se atenta para a variação do significado preexistente de um termo, constituindo-se em argumento, pois é uma afirmação que pretende levar o auditório à admissão de outra, formulada pelo orador.

A temática do inferno e seus castigos mantêm-se popular entre os fiéis da Igreja católica, entretanto trata-se de um tema que suscita várias divergências. Como vimos nas análises anteriores, padre Marcelo Rossi tem grande preocupação com seu *ethos*, com sua imagem de piedoso e benevolente, por isso, ao definir "inferno" (temática que carrega uma conotação negativa), utiliza-se dos recursos prosódicos para tornar seu discurso mais ameno e menos hostil.

O trecho que trata da definição de inferno foi trabalhado acusticamente e gerou este resultado:

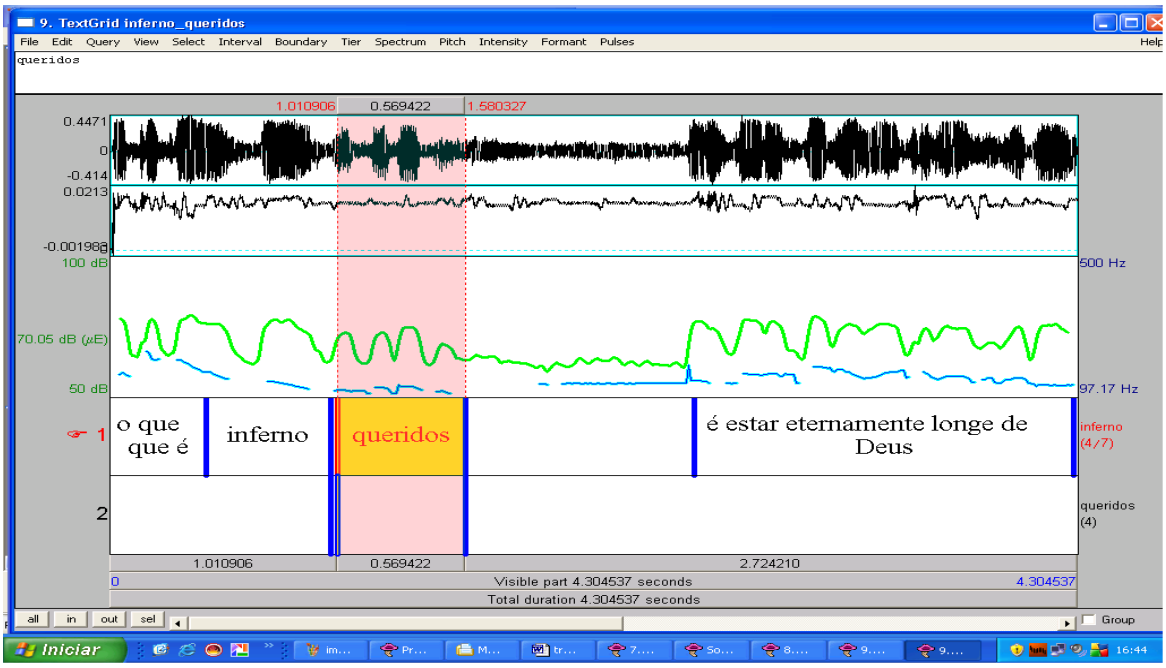

Figura 11 - Argumento de definição

Se observarmos a estrutura da sentença, veremos que o orador mescla dois conceitos antagônicos, o "inferno", que evoca a noção de pecado, sofrimento e tristeza, e "queridos" adjetivo que evoca a idéia de estimado, protegido. Comparando a verbalização dos dois, veremos que o orador faz uso dos recursos prosódicos para sustentar sua argumentação. Ao proferir a palavra "inferno" o volume chega a 79.12 dB enquanto "queridos" atinge apenas 72.78 db. De acordo com Cagliari (1992 p.146) "falar alto pode significar uma atitude autoritária e falar baixo uma atitude de persuasão, timidez ou respeito". Padre Marcelo salienta o valor negativo da palavra inferno, mas em seguida suaviza seu discurso com o decréscimo no volume em sua voz, para evidenciar atributos positivos de seu auditório. A tessitura grave, empregada no vocábulo "queridos", intensifica a importância dessa expressão na composição final da idéia a ser defendida, do argumento proferido, de definição.

Ao definir "inferno" o orador desperta no auditório a paixão de temor, do medo. Consoante Aristóteles (2003), o temor consiste numa preocupação em relação à

proximidade de um mal iminente, que pode provocar grande desgosto ou dano. Os indícios de tais coisas são temíveis, porque o temível sempre parece estar próximo. O auditório partilha das mesmas crenças do orador, portanto tem grandes receios de "ir para o inferno[13]". Se o inferno é estar longe de Deus, logo, deve-se fazer o inverso para não padecer desse mal. A qualidade de voz empregada pelo orador ao proferir a palavra "inferno" reforça a visão aterradora que o auditório possui desse local. Ao enfatizar a silaba tônica "*fer*" e promover seu conseqüente alongamento Padre Marcelo Rossi ressalta o sentido negativo que quer dar a este substantivo no discurso.

Encontramos ainda, como recurso argumentativo, os argumentos de modelo e antimodelo. Inseridos no grupo dos argumentos que se fundam na estrutura do real, eles têm a função de apresentar um caso particular como um modelo a seguir ou evidenciar um modelo negativo para induzir o comportamento oposto. Observemos o momento em que o orador reforça sua argumentação com um modelo:

> ... rei Davi ... **DEus ...** -- quem não conhece a história **DEle** -- **...** *queria um ( ) rei e aí ele mandou o profeta ... sa/aliás o:: ele mandou Samuel ... que fosse ... né? numa casa visitar ... o pa::i de vários* filhos ... e aí foi (lhe) apresentado um filho for::te e o ou::tro e o ou::tro ... **o MEnorzinho** ... o mais ... pequenino ... De::us escolheu que era Davi ... *e Davi ... foi lutar contra* ***GoLIas um giGANte*** *... e Davi porque unGIdo por Deus ... venceu ... o gigan::te ... Golias ... e o segredo de Davi ... é que diante das dificulda::des ... ele sabia em quem ele confia::va ... e depois (se) se tornou o grande rei Davi ... ele sabia que:: ... ele só era rei ... porque ele se humilha::va ... diante do* ***TOdo podero::so*** *... humilhar é reconhecer seus limi::tes ... e assim ele louva::va(49" - 09090946)*

Reboul (2004, p.182) afirma que o "modelo é mais que exemplo; é um exemplo dado como algo digno de imitação". Padre Marcelo, ao citar a história do Rei Davi, para reforçar a tese de que os humildes vencerão, busca incentivar o auditório a se comportar como o modelo citado.

[13] De acordo com os preceitos católicos aqueles que não são bons, que não praticam o bem durante a vida são encaminhados para o "inferno" após a morte. Essa crença encontra seu fundamento no parágrafo 1035 do *Catecismo da Igreja Católica* que diz: "O ensinamento da Igreja afirma a existência e a eternidade do inferno. As almas dos que morrem em estado de pecado mortal descem imediatamente depois da morte aos infernos, onde sofrem as penas do inferno, 'o fogo eterno'. A pena principal do inferno consiste na separação eterna de Deus, o Único em que o homem pode ter a vida e a felicidade para as quais foi criado e às quais aspira".

Sobre essa questão, Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005, p. 413) argumentam:

> [...] quando se trata de conduta, um comportamento particular pode não só servir para fundamentar ou ilustrar uma regra geral, como para estimular a uma ação nele inspirada. Podem servir de modelo, pessoas ou grupos cujo prestígio valoriza atos. O valor da pessoa, reconhecido previamente, constitui a premissa da qual tirará uma conclusão preconizando um comportamento em particular. Habitualmente, o modelo glorificado é proposto para imitação de todos; por vezes, trata-se de um modelo reservado a um pequeno número ou somente à própria pessoa; por vezes, é um padrão a ser seguido em certas circunstâncias.

Ao mencionar Rei Davi, um personagem bíblico, como modelo a ser seguido, o orador, simultaneamente ao argumento de modelo, utiliza um argumento de autoridade. Nesse tipo de argumento, utilizam-se atos ou julgamentos de uma pessoa ou de um grupo de pessoas como prova de uma tese. De acordo com Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005, p. 350), "o mais das vezes o argumento de autoridade, em vez de constituir a única prova, vem completar uma rica argumentação", a trajetória de Rei Davi está presente na Bíblia, obra sagrada para os católicos, portanto, sustenta e dá veracidade ao discurso proferido.

Para construir um efeito de veracidade à narrativa mencionada como exemplo, o orador novamente vale-se dos recursos prosódicos, a utilização de uma qualidade de voz doce, benevolente expressa a paciência complacente de um pai contando uma historinha a seu filho. Observamos ainda, que o uso das pausas é intenso e propicia ao auditório o tempo necessário para reflexão do argumento e reforça a idéia defendida pelo orador: a de que durante a viagem todos são vistos como criancinhas.

Verificamos também que a velocidade da fala é lenta nos momentos em que aquilo que é dito merece destaque: *"... rei Davi ... Deus ... -- quem não conhece a história Dele", "De::us escolheu que era Davi*", e é acelerada quando narra fatos que parecem não ter tanta importância como*: e aí foi (lhe) apresentado um filho for::te e o ou::tro e o ou::tro ... o MEnorzinho ... o mais ...* pequenino. Conforme Cagliari (1992, p.143), "ocorrências de aceleração ou desaceleração no discurso servem para se dar maior valor a algo que se diz (desacelerando) ou prepara um argumento mais importante logo adiante com uma aceleração da fala".

Para melhor visualização desse fato no texto abaixo, destacamos em negrito, os momentos em que ocorre a desaceleração da fala e sublinhado as partes que retratam os momentos de aceleração da fala.

> *... **rei Davi ... Deus ... -- quem não conhece a história DEle** -- ... queria um ( ) rei e aí ele mandou o profeta ... sa/aliás o:: ele mandou Samuel ... que fosse ... né? numa casa visitar ... o pa::i de vários filhos ... e aí foi (lhe) apresentado um filho for::te e o ou::tro e o ou::tro ... o MEnorzinho ... o mais ... pequenino ... **De::us escolheu que era Davi** ... e Davi ... foi lutar contra GoLIas um giGANte ... e Davi porque unGIdo por Deus ... venceu ... o gigan::te ... Golias ... e o segredo de Davi ... é que diante das dificulda::des ... ele sabia em quem ele confia::va ... e depois (se) se tornou o grande rei Davi ... ele sabia que:: ... ele só era rei ... porque ele se humilha::va ... diante do TOdo podero::so ... humilhar é reconhecer seus limi::tes ... e assim ele louva::va(49" - 09090946)*

No tocante ao volume, é interessante destacar que ao iniciar a narrativa, "Rei Davi", a voz é imposta com 56.57 dB (destacado na cor rosa), um número consideravelmente baixo se levarmos em conta que o volume da fala do nosso orador se mantém entre 68 e 70 dB durante quase todo discurso. Já a palavra proferida logo a seguir, "Deus" atinge 75.78 dB. Podemos visualizar esse acréscimo de volume nas linhas verdes na fig. 12 a seguir. As palavras "Rei Davi" e "Deus" são proferidas entre pausas longas.

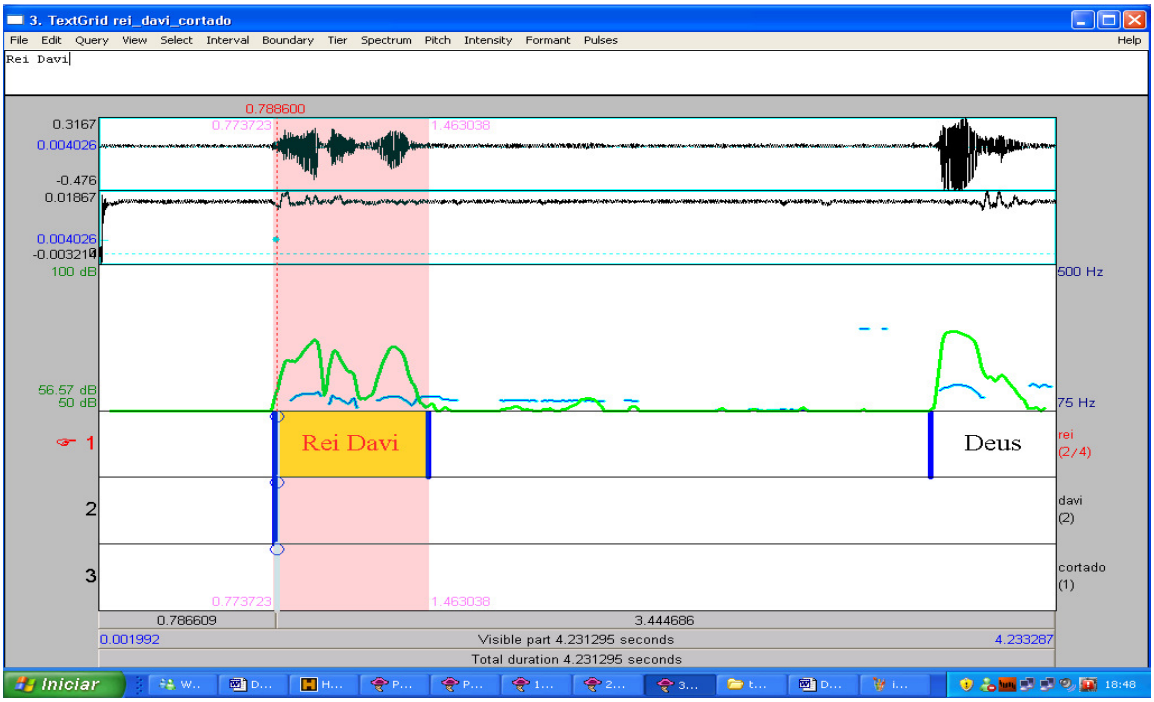

Figura 12 - Argumento de modelo

Durante a historia do Rei Davi (modelo dado pelo orador de um comportamento a ser seguido), verificamos que o volume sofre um acréscimo nos momentos em que Padre Marcelo quer sublinhar a idéia defendida no argumento. As palavras “DEus”, “DEle(referindo a Davi)” “MENOrzinho”, “GoLIas” , “giGANte” e “TOdo poderoso” têm seu volume elevado, bem como a tessitura modificada de grave para aguda. Sob a luz dos postulados de Bollela (2006) e Cagliari (1992), que afirmam que estas são estratégias que sinalizam uma atitude autoritária do orador, podemos inferir que os elementos prosódicos utilizados auxiliam Padre Marcelo na construção do argumento que fundamenta a estrutura do real, o modelo, pois, se observarmos as palavras enfatizadas (cf. texto da p.72), veremos que, elas sintetizam toda a idéia defendida na narrativa: de que Deus, o Todo Poderoso, fez Davi, o menorzinho de todos, vencer o gigante Golias, ou seja, se o auditório tomar Rei Davi como modelo a ser seguido, também vencerá.

Vislumbramos também, no discurso, a presença do argumento do antimodelo, que se apresenta como aquele comportamento que não dever ser imitado. Para

pensadores como Montaigne (apud PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.417), a ação do antimodelo é a mais eficaz no ato da persuasão. Padre Marcelo descreve o sofrimento de alguém que não respeitou os desígnios divinos e busca, com isso, mostrar ao auditório o exemplo que não deve ser seguido.

> *eu vou dar só um exemplo antes de ir para a viagem* ***tá::?*** *-- -- ... uma pessoa ... ela luTOU e lutou ... -- -- e é uma mulher de fé::* ***tá?*** *mui::ta fé -- -- pro marido viver ...* ***tá?*** *... eh ::: se ela tivesse pedido a vonTAde de Deus:: ... ela não ia passar o que ela passou ... o que ela passou? ... OIto anos:: ... de uma vida terrível... {como é que É padre?}... porque ele voltou CHE:::io de seqüelas:: ... e:: houve um momen::to::: ... depois ela falou ... "porQUE que eu não pedi a vontade de Deus?" ... ele já poderia estar na GLÓria de deus ... porque ele tava totalmente preparado... e ela não passaria esses oito anos ... de torTUra que ela passou... de IR e voltar ao hospital:: disso daquilo ... por isso queridos ... feliz aquele que não faz a SUA vontade... Deus quer SEMpre o melhor pra você para mim ...(45" – 04090941)*

Se observarmos o texto acima, verificamos que, mais uma vez, o orador vale-se dos recursos prosódicos para ressaltar seus argumentos. O alongamento da expressão "oito anos", juntamente com o deslocamento do acento frasal que recai sobre a sílaba "oi" e, ainda, a modificação da tessitura, que passa de grave a aguda, salientam para o auditório a intensidade do castigo sofrido pela pessoa citada, e reforçam o sofrimento vivenciado por ela, conforme observamos na fig. 14 a seguir.

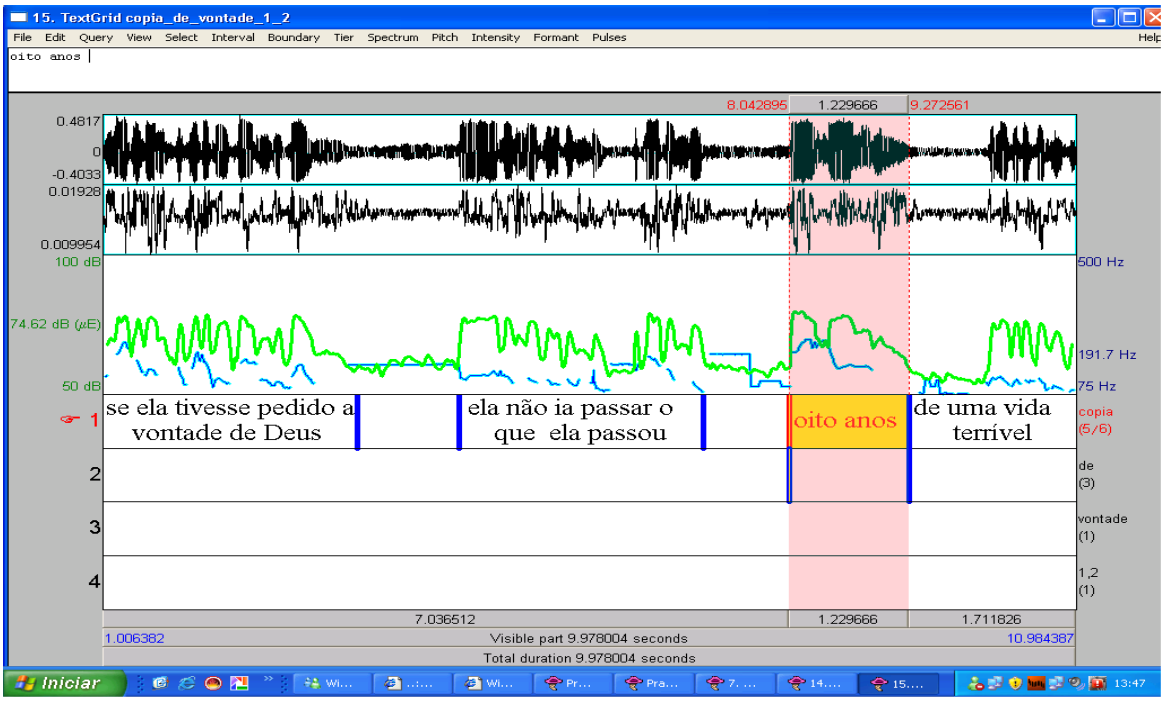

Figura 13 - Argumento de antimodelo

A supressão da expressão “está bom?” pelo vocábulo “tá?”, utilizada três vezes nesse trecho com entonação interrogativa, incita o auditório a participar do discurso, e, ao mesmo tempo, essa expressão informal promove a aproximação do orador com seus ouvintes. O vocábulo “tá?” aparece sempre seguido de pausas, indicando para o auditório momentos de reflexão e conseqüente concordância.

O argumento do antimodelo retoma a idéia principal da “semana do louvor”, que é: aceitar e demonstrar nosso amor a Deus por aquilo que ele é, diz ou faz. A pessoa citada como antimodelo não agiu conforme os preceitos ditados como corretos, ou seja, ela não aceitou a vontade de Deus, sendo assim sofreu ainda mais e foi castigada por oito anos.

Um outro momento em que o Padre busca a aproximação com auditório é quando ele busca uma melhor elaboração argumentativa, utilizando como recurso as perguntas retóricas. Retóricas porque ele mesmo fornecerá as respostas. A intenção é justamente perguntar para responder, ou seja, afirmar algo, e não obter uma informação. Levar o ouvinte a refletir sobre a pergunta, mas sem lhe dar tempo para divagar sobre o

assunto. Já em seguida ao questionamento, o padre busca provar a sua própria verdade e assim persuadir o seu ouvinte. No exemplo abaixo a qualidade de voz empregada no questionamento retórico é verbalizada em tom descendente, o que indica uma frase afirmativa e revela uma atitude pragmática.

> FAça a experiência... aPRENda a louvar... e aprenda a agradecer... primeiro você vai agradecer.... ***o que que você tem a agradecer****?...“PAdre eu não tenho nada” lógico que você tem cê tá respirando... a VI::da... seus fi::lhos...agrade::ça primeiro... e depois::... primeiro agradeça... não diga que você não tem o que agradecer ... PENse nas coisas que deus deu a você...(1’3”- 04090941)*

Nesse trecho os recursos prosódicos empregados indicam simultaneamente á interrogação retórica, o fortalecimento do *ethos* de escolhido e, conseqüentemente, o reforço do argumento de autoridade. Durante a pergunta retórica “*... o que que você tem a agradecer?...”(1’14” – 04090941)* a qualidade de voz expressa calma, o volume e a tessitura se mantém estabilizados e, segundo Aristóteles (2003), somos calmos junto àqueles a quem tememos ou respeitamos. A paixão da calma, aqui presente, é um dado para que o auditório se coloque em consonância com o que será dito em seguida.

Há neste trecho ainda a performatização do que seria a resposta do auditório: *“PAdre eu não tenho nada”* que é marcado pelo volume que se mostra alterado em relação a fala do orador. O volume e a tessitura servem também para marcar mudanças de locutor. Ocorre neste trecho uma simulação de um diálogo. O volume e a qualidade de voz utilizada para performatizar a voz do ouvinte (como locutor) revelam um descontrole que culmina em desespero. E, de acordo com Bollela (2006), variações de tessitura aguda e acréscimo de volume indicam exaltação e grande perturbação.

Ao contrário do que ocorre com a performatização da voz do ouvinte, nosso informante reserva para sua resposta uma qualidade de voz equilibrada, acrescida de traços de autoritarismo e reprimenda. Ao enunciar: *“lógico que você tem, cê tá respirando... a VI::da... seus fi::lhos...agrade::ça primeiro... e depois::... primeiro agradeça...”* (1’18” – 04090941), o orador faz uma asserção categórica “*claro que você tem*”, fato que indica forte censura. E ao mesmo tempo, ao enumerar as bênçãos que a pessoa possui, o *ethos* de escolhido é instaurado, e dá a conhecer informações que não deveriam ser patentes. Dessa

maneira, retoma o *ethos* de escolhido e de possuidor do "dom da ciência", o que é evidenciado pelo padrão entoacional empregado.

Com o objetivo de fortalecer sua argumentação, o orador emprega provérbios em seu discurso. Vale ressaltar que, de acordo com o Dicionário Houaiss, provérbio é "uma frase curta, de origem popular, que sintetiza um conceito a respeito da realidade, trazendo uma regra social ou moral; ditado popular; sentença moral; máxima expressa em poucas palavras".

Encontramos, em nosso *corpus,* dois momentos de incidência de provérbios:

> *QUAN::do vo-cê ... passa por uma situação difícil ... e você quer ... por SUa força ... resolver ... mais e mais você vai ... na AU::tossuficiência se machucando ... é como dar MUrro ... numa faca afiada ... você vai se machucar (9"– 05090951)*

> *por isso aquela frase ... que CREsce agora e/em oração profunda ... "não diga a Deus ... o TAma::nho do seu problema" ... através do louvor ... e do agradecimento ... MOStre ... a esse problema seja ele qual for ... a grande::za ... do no::sso Deus...(57" 05090951)*

Existem provérbios que possuem um teor tão grande de verdade que não há espaço para contestações. Quando isso ocorre a argumentação é tão precisa e absoluta, que o destinatário não oscilará em aceitar a mensagem, a qual será recebida sem refutação, devido ao seu caráter convincente.

Para Teixeira (2000, p.194), os provérbios comumente podem conter: um conselho (*Não coloque todos os ovos na mesma cesta*), um aviso ou previsão *(É melhor prevenir do que remediar*), uma observação *(Água mole em pedra dura tanto bate até que fura)*, uma afirmação abstrata *(Errar é humano*) ou referir-se a uma experiência concreta do dia-a-dia (*Barata esperta não atravessa galinheiro*).

Os provérbios acima citados aparecem ao final da "viagem" e promovem uma aproximação entre o orador e seu auditório, pois expressam concepções populares que encerram sabedorias, emitem avisos e referem-se a experiências concretas diárias.

Ao proferir o primeiro provérbio, o orador apresenta uma qualidade de voz severa para amparar seu conselho "*você vai se machucar*". A palavra "Murro" recebe uma

forte carga retórica ao ser enunciada com acréscimo de volume e com uma tessitura grave indicando, segundo Bollela (2006), razão e autoridade referentes à recomendação presente no provérbio.

Durante a enunciação do segundo provérbio, Padre Marcelo Rossi apresenta uma qualidade de voz que nos permite inferir a idéia de alegria. Ocorre também um discreto acréscimo no volume. No entanto, o elemento prosódico que mais contribui para efetivação do argumento que visa persuadir é a tessitura, que se torna mais grave, carreando para o discurso uma entoação categórica, que é tomada como asserção de verdade e sabedoria.

Uma vez apresentados os resultados obtidos por meio da análise efetuada, elencaremos, a seguir, nossas considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

"Quem tem ouvidos para ouvir, ouça".

Nossa proposta foi especular sobre a persuasão no discurso do padre carismático Marcelo Rossi, que utiliza, como um dos meios de difusão da fé católica, o discurso radiofônico. E foi justamente este espaço, o rádio, que privilegiamos em nossa análise, pois analisamos o programa de rádio *A viagem* no qual o orador direciona o ouvinte a uma espécie de dinâmica regressiva, sugerindo ao mesmo imaginar-se como criança para, assim, poder estabelecer um diálogo com Deus.

O principal interesse de nossa pesquisa foi permeado pela questão prosódia – elemento que parece tão abstrato, mas que é ao mesmo tempo tão concreto; que não pode ser tocado, mas pode ser medido; que não pode se visto, mas pode ser sentido. A prosódia aproxima Lingüística da Poética e da Psicanálise mostrando que tudo pode ser um vir a ser. Exploramos a fisicidade da palavra, aproximando a voz do corpo, ou seja, estudamos, de certa forma, a corporeidade que a voz assume no discurso radiofônico e sua importância como meio de persuasão.

Tentamos, ao longo do trabalho, pesquisar os elementos retórico-persuasivos que estão presentes no discurso de padre Marcelo Rossi e de que forma os recursos prosódicos contribuem, de fato, na persuasão do auditório.

Partimos da hipótese de que o orador, mesmo que não tenha conhecimentos acadêmicos elaborados de análise discursivas e textuais, ao construir seu discurso, tem consciência, que variam em menor ou maior grau, de que, na composição da radiofônica, a voz tem um papel imprescindível. Portanto, é necessário que se crie uma performance vocal aliada às técnicas de retórica e argumentação para levar o auditório a crer ou aceitar as suas idéias. Nesse sentido há uma aproximação com o teatro, pois é necessário que a voz, antes elemento de um ser ausente, se faça presente para ganhar força, peso, densidade. É como se houvesse uma coreografia da voz, ou seja, é como se a voz dançasse em ondas rítmicas para

expressar uma mensagem de fé que, segundo o padre, pode curar os males do ouvinte, aliviar, tranqüilizar, fortalecer, resolver, amparar. Para nós, no entanto, além do que foi dito, essa voz persuade, transferindo; ditando; mandando; ordenando; alienando e recalcando.

O discurso religioso, apesar de em um primeiro momento parecer um discurso que tem como objetivo salvar o homem, visto com mais criticidade transparece seu caráter persuasivo que opera sobre o homem quando, em nome dos valores transcendentais, impõe-lhe um modo de agir ético e moralmente correto.

Para obter êxito em seu discurso, mas de forma extremamente camuflada, o orador utiliza-se de elementos que proporcionem uma maior identificação com seu auditório, buscando assim, atingir o efeito pretendido: a persuasão.

Na argumentação, o que importa são os efeitos do discurso sobre o auditório, pois, o objetivo central do ato de argumentar é provocar um efeito em determinado auditório, conseguir a sua adesão e, em muitos casos, levá-lo a tomar esta ou aquela atitude em face de determinados objetos culturais ou sociais.

Quando nos propusemos a fazer uma análise do discurso radiofônico de Padre Marcelo Rossi esperávamos encontrar um discurso floreado de argumentos bem construídos e repleto de belíssimas expressões, no entanto, ao contrário do que esperávamos, a estrutura do seu discurso é simples, informal, não planejada e muitas vezes improvisada e incoerente, do ponto vista lingüístico e semântico. Porém, o ouvinte nem percebe, tamanha é carga de afetividade que ele estabelece com o orador. O receptor da mensagem escuta a voz do padre como a verdadeira voz "de dogma" sem questionar nada. Por outro lado confirmamos, através da análise de nossos quadros que, no discurso desse orador, a voz e os elementos prosódicos têm um papel primordial na composição do enunciado e que muitas vezes a voz fala mais do que o texto em si. Portanto, o mais importante não é o que ele fala e sim a forma como ele fala.

Pudemos compreender por meio de nossa análise, que os elementos retórico-argumentativos presentes no discurso de Padre Marcelo Rossi estão entrelaçados e mantêm uma relação de interdependência com os recursos prosódicos. Pudemos, ainda, confirmar que Padre Marcelo pauta seu discurso na emotividade, na crença já estabelecida do seu

auditório particular, e que a prosódia por ele apresentada é fundamental no "fazer-crer", pois ajuda a superar a ausência física do orador durante o processo discursivo.

Percebemos que o discurso do nosso orador edifica-se, sobretudo, em seu *ethos*, na imagem pré-construída de um "Padre jovial, atual e piedoso". Observamos também que existe uma preocupação constante em manter essa imagem. Valendo-se da mesma, Padre Marcelo vai traçando na "Viagem" um percurso envolto por paixões. Essas paixões são desencadeadas principalmente pelo uso da figura retórica *Hipotipose*, que consiste numa descrição tão fervorosa e emotiva de algo ou alguém por parte do orador de modo a evocar, imagisticamente, no auditório a projeção ou representação mental das imagens suscitadas.

Em suma, podemos dizer que o trabalho aqui apresentado atingiu o objetivo principal: o de investigar como a prosódia fortalece a argumentação no discurso radiofônico de padre Marcelo Rossi. Confirmamos em nossa pesquisa que é por intermédio dos recursos prosódicos que o orador conduz o auditório e produz as emoções que quer ressaltar.

REFERÊNCIAS

ABREU, A. S. *A arte de argumentar*: gerenciando razão e emoção. São Paulo: Ateliê, 2001.

ALVES, R. *O que é religião*. 16 ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

AMOSSY, R. (Org.). *Imagens de si no discurso.* São Paulo: Contexto, 2005.

ANDRADE JUNIOR. P. M. Um artista da fé: o padre Marcelo Rossi e o catolicismo brasileiro. Recife, 2006, 315p. Tese (Doutorado em Sociologia) Universidade Federal de Pernambuco.

ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética.* 16 ed. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

_____. *Retórica das paixões.* Tradução de I. B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARBOSA FILHO, A. *Gêneros Radiofônicos:* os formatos e os programas em áudio, São Paulo: Paulinas, 2003.

BARTHES, Roland. *O óbvio e o obtuso*. Lisboa: Edições 70, 1984.

BEHLAU, M.; PONTES, P. *Voz: o livro do especialista*, vol 1. Rio de Janeiro: Revinter, 2001.

_____ .*Avaliação e tratamento das disfonias*. São Paulo: Lovise, 1992.

BOLLELA, M. F. F. P. A prosódia como instrumento de persuasão. In: NASCIMENTO, E. M. F. S. *et al.* (Orgs.). *Práticas enunciativas em diferentes linguagens*. Franca: UNIFRAN, 2006. (Coleção Mestrado, 1).

CAGLIARI, L. C. Prosódia: algumas funções dos supra-segmentos. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n. 23, p. 137-151, jul./dez. 1992.

_____ . *Acento em português***.** Campinas: Edição do autor, 1999. (Coleção Espiral, Série Linguística, v. 4).

_____ . *Análise fonológica*: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico. Campinas: Mercado de Letras, 2002. (Coleção Idéias sobre Linguagem).

_____. *Da importância prosódica de fatos gramaticais*. In: ILARI, R (org.). Gramática do português falado. Vol. II: Níveis de análise linguística. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

CARRANZA, Brenda. Catolicismo midiático. In: TEIXEIRA, F; MENEZES, R. (Orgs.) *As religiões no Brasil.* Petrópolis: Vozes, 2006.

CARVALHO J. J. C., *Prosódia e ortografia.* Lisboa: Imprensa Nacional, 1910.

CATECISMO da Igreja Católica. Petrópolis: Vozes, 1993.

CITELLI, A**.** *Linguagem e persuasão*. São Paulo: Ática, 2004. (Série Princípios, 17)

CHEVALIER, Jean et alii. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1990.

CORTINA, A. *Recursos persuasivos nos textos de auto-ajuda*. In: FIGUEIREDO, M. F.; MENDONÇA, M. C.; ABRIATA, V. L. R. (Orgs.). *Sentidos em movimento*: identidade e argumentação. Franca: UNIFRAN, 2008. p. 87-110. (Coleção Mestrado, 3)

FERRARETO, L. A. *Radio*: o veiculo, a história e a técnica. Porto Alegre. ED Sagra Luzzatto, 2001.

FUNDAÇÃO IBGE. Censo demográfico: famílias e domicílios: São Paulo. Rio de Janeiro, 2001.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa.* Versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MASSINI-CAGLIARI, G. *Acento e ritmo*. São Paulo: Contexto, 2001. (Coleção Repensando a língua portuguesa).

MATEUS, M. H. M. *Factos prosódicos nas gramáticas portuguesas.* Lisboa, 1996, (arquivo *pdf*.) .

_____ *.A contribuição do estudo dos sons para a aprendizagem da língua.* 7º Encontro Nacional da APP: Saber Ouvir / Saber Falar. Coimbra, 2007, (arquivo *pdf*.).

MEYER, M. Aristóteles ou a retórica das paixões. In: ARISTÓTELES. *Retórica das paixões.* São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. XVII-LI.

_____. *Questões de retórica*: linguagem, razão e sedução. Lisboa: Edições 70, 1998.

NASCIMENTO, J. V. *O discurso religioso católico*: um estudo lingüístico do rito matrimonial. São Paulo: EDUC, 1993.

NUNES, M.R.F. *O Mito do Rádio*: a voz e os signos de renovação periódica. São Paulo: Annablume, 1993.

ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento*: as formas do discurso. Campinas: Pontes, 1996.

ORTRIWANO, G. *A informação no rádio*: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo: Pontes, 1985.

PERELMAN, C. & OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação*: a nova retórica. Tradução de M. E .A .P. Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PRETI, D. (Org.) *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. São Paulo: T. A. Queiroz, Fapesp, 1990. v. 4.

REBOUL, O. *Introdução à retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

REIS, C. Prosódia e telejornalismo In: Gama, A.C.C et. al. (Orgs.) *Fonoaudióloga e telejornalismo* – Relatos do IV Encontro Nacional de Fonoaudióloga da Central Globo de Jornalismo. Rio de Janeiro: Revinter, 2005.

REVISTA VEJA. Ele é o rei do disco. De novo. ED. 2048 São Paulo: Editora Abril, 2008.

ROSSI, Padre Marcelo. *Programa "Momento de Fé"*. Radio Difusora de Franca. Franca. 2006.

SCARPA, E. M. (Org.). *Estudos de prosódia*. Campinas: Unicamp, 1999.

SILVA, J. L. O. A. *Rádio*: oralidade mediatizada - O spot e os elementos da linguagem radiofônica. São Paulo: Annablume, 1999.

SITE da Revista Eletrônica Disponível em< http://www.uol.com.br/revista_da_tv.htm#08> Acessado em 12 dez.2008.

SOUZA, A. R**.** *Igreja in concert***:** padres cantores, mídia e marketing. São Paulo: Fapesp, 2005.

TEIXEIRA, N.C. *A sabedoria condensada em provérbios*. Belo Horizonte: Ed. Leitura, 2000.

TORRES, M. L. A intenção Comunicativa do Repórter de TV. In: Gama, A.C.C et. al. (orgs) *Fonoaudióloga e Telejornalismo* – Relatos do IV Encontro Nacional de Fonoaudióloga da Central Globo de Jornalismo. Rio de Janeiro: Revinter, 2005.

TRINGALI, D. *Introdução a retórica***: a** retórica como crítica literária. São Paulo: Duas cidades,1988

ZUMTHOR, P. *A letra e a voz*: a "literatura" medieval. Tradução de Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

_____. *Performance, Recepção, Leitur*a.Tradução de Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: EDUC, 2000

ANEXOS

ANEXO I – Quadro de normas para transcrição.

Normas para Transcrição

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO*
Incompreensão de palavras ou segmentos	( )	do nível de renda...( ) nível de renda nominal...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	e comé/ e reinicia
Entoação enfática	maiúscula	porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para :::: ou mais	ao emprestarem os... éh::: ...o dinheiro
Silabação	-	por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	eo Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	são três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúsculas))	((tossiu))
Comentários que quebram a seqüência temática da exposição; desvio temático	-- --	... a demanda de moeda -- vamos dar essa notação -- demanda de moeda por motivo
Superposição,	{ ligando as linhas	A. na { casa da sua irmã

simultaneidade de vozes		B. sexta-feira? A. fizeram { lá... B. cozinharam lá?
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação	" "	Pedro Lima... ah escreve na ocasião... "O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREIra entre nós"...

* Exemplos retirados dos inquéritos NURC/SP No. 338 EF e 331 D^2.

Observações:

1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (USP etc.)
2. Fáticos: *ah, éh, eh, ahn, ehn, uhn, tá* (não por *está: tá?* você *está* brava?)
3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.
4. Números: por extenso.
5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa).
6. Não se anota o *cadenciamento da frase.*
7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh:::... (*alongamento* e *pausa*).
8. Não se utilizam sinais de *pausa*, típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de *pausa*, conforme referido na *Introdução*.

ANEXO II – Transcrição do bloco "A viagem"

"A Viagem" - 04/09/2006 (segunda-feira) – 04090937 a 04090951

E eu convido você a fazer a experiência comigo... LUcia por favor me esCU::te ... FA...ça comigo ... Rita a mesma coisa... né? só pocês terem idéia ... o que é ... a unção do espírito de Deus ... há momen::tos ... que eu vou em (casas) ... eh:: ... ou em veló::rio uma coisa ... que você não tem o que falar::... né? você tem que só abraçar:::... agora... porque a pessoa não está na revol::ta ... ela esTÁ ... na/na no momento de dor... mas:::... quando a pessoa ... está como no caso dela dela ... cê vê que eu (dei) um tempinho -- -- com TOdo carinho -- -- ... eu fui perguntando eu queria saber o NOme do marido ... né::? ... eu queria saber ... e ela não (me) deixou ela "ah por quê? blá blá blá"... aí ( ) o Senhor manda ser eNÉRgico ... e falar as verda::des::... quem somos nós para ... {por quê? por quê?} ... NÃ::o ... feliz (é) aquele que se entre::ga... esse .. depois enten::de ... -- -- eu vou dar só um exemplo antes de ir para a viagem tá::? -- -- ... uma pessoa ... ela luTOU e lutou ... -- -- e é uma mulher de fé:: tá? mui::ta fé -- -- pro marido viver ... tá? ... eh ::: se ela tivesse pedido a vonTAde de Deus:: ... ela não ia passar o que ela passou ... o que ela passou? ... OIto anos:: ... de uma vida terrível... {como é que É padre?}... porque ele voltou CHE:::io de seqüelas:: ... e:: houve um momen::to::: ... depois ela falou ... "porQUE que eu não pedi a vontade de Deus?" ... ele já poderia estar na GLÓria de deus ... porque ele tava totalmente preparado... e ela não passaria esses oito anos ... de torTURa que ela passou... de IR e voltar ao hospital:: disso daquilo ... por isso queridos ... feliz aquele que não faz a SUA vontade... Deus quer SEMpre o melhor pra você para mim ... por Isso ... em nome do PA::i ... e do filho ... e do esPÍ::rito santo ... (sussurra) amém ... a maior graça que eu descobri na minha vida feche os olhos... é que nosso DEUS ... Jesus ... é mi-se-ri-cor-di-o-so ... e é esse deus MIsericordioso ... Jesus...que eu convido você a imaginar... de braços aBERtos... vamos até ele ... LÚcia... vá até ele .. RIta... eu também vou... e permita-se...abraçá::-lo...abra::ce-o... agora não/num é mais imaginação é poder do Espírito SAn::to... e ao abraçá-lo ... Ele nos vê ... crian::ças::: nesse momento ... você é uma crian::ça((trilha

sonora, riso de crianças))::: e por favor... FAça a experiência... aPRENda a louvar... e aprenda a agradecer... primeiro você vai agradecer.... o que que você tem a agradecer?..."PAdre eu não tenho nada" lógico que você tem cê tá respirando... a VI::da... seus fi::lhos...agrade::ça primeiro... e depois::... primeiro agradeça... não diga que você não tem o que agradecer ... PENse nas coisas que deus deu a você... não reCLAme agora ... pen::se... Espírito Santo iLUmine essa pessoa ... pra que ela possa ver quantas coisas BO::AS... o senhor derramou...((trilha sonora, trecho de música sacra)) ...há uma pesso::a que está reclaman::do não é hora ago::ra ... Jesus manda um recado a você:: ...obedeça:::... ao MEU amigo ele não me chama servo oh obrigado Jesus te amo/ que bom saber que sou seu amigo seNHOR... mas, ele diz ... "me obedeça" ... NÃO reclame ... PENse... deus te dá/deu tantas coisas boas:: ... agrade::ça ... e a você ... eu posso dizer uma coisa ...quer um momento bom? ... você ... tentou suicí::dio ... deus não deixou... foi DEUS ... a pessoa que o encontro::u ... foi a man::do de DEUS:: ... foi manDAdo por Deus... era pocê já estar MORta hoje ... e MORta duas vezes tá? ... morta fisicamente ... e do/modo de vida que você estava você-- -- o que que é o inferno queridos? ... é estar eternamente longe de Deus ... -- -- portanto você teria duas mortes ... a FÍsica... e estar longe dele eternamente:::... você não TEM o que agradecer a Deus? ... ele te salvou do suicídio...continue agradecendo ...((trilha sonora, trecho de música sacra)) ... agora sim ... eu convido você a louvar ... e a louvar as coisas diFÍceis ... que estamos ( ) que eu me coloco junto ... passan::do ... em família ... no trabalho ... na saúde ... oh senhor ... sim ... eu SEI que é duro ... e Jesus SA::be o que é duro ... porque ... por MAIS dor que você e eu ... ou alguém possa ter passa:: do ... ninguém suou sangue ... você já suou sangue? ... imagina a dor que ele passou ... suou sangue ... depois ... foi ...-- oh Deus o que ele sofreu -- ... flagelos ... MORto na cruz ... imaGIna a dor que ... de um CRAvo eNORme sendo cravado nas mã::os nos pés:: ... a LAN::ça no pei::to ... as coROa de espinhos ... bofeta::das ... mas essa não foi a pior dor ... a dor foi saber que ele ia passar por tudo isso por você e por mim ... por isso que ele suou sangue ... PAI olha só a dor ... "afasta de mim esse cálice ... mas não seja feita a minha vonta::de pai ... a tua" ... por isso ... eu te louvo ... em verdade ((música- Te louvo de verdade)) obrigado senhor ... obrigado ... e o senhor manda um reca::do ... "quando você me lou::va ... em verda::de ... quando você:: ... esquece de si mes::mo ou si mes::ma ... e dos seus problemas ... e você ERgue o olhar ... e me lou::va ... você ... me torna seNHOR dos seus problemas ... e eu os

resolvo ... MAS quando você ... fica no porque no porque e se fecha em si mesmo em si mesma ... eu respeito a sua liberdade ... e minha filha ... meu filho ... eu não posso fazer ... NAda ... feliz aQUEle ... que aprende ... a louvar:: ... e agradecer ... e é por isso senhor que eu te louvo ... eu te agrade::ço ... e te aBRAço ... oh meu deus:: ...porque eu sei que o senhor me Ama ... e NAda ... e NINguém ... podeRÁ me sePARAR do amor ... de deus manifesTAdo ... NEle ...Jesus Cristo ... em nome do pai ... e do filho ... e do Espí::rito San::to ... a::MÉM ... Amém ... GENte essa semana vai ser ... for::te ( ) (muitas) LÁ::grimas rolaram hoje ... QUANtas ...de DOR ... de emoção:: ... e NÃO ACABOU AINDA NÃO ... prepare a água ... já voltamos

"A Viagem" - 05/09/2006 (terça-feira) - 05090941 a 05090951

talvez você faça parte ... daqueles que não sabem louvar ... QUER aprender? ... é tão simples ... em nome do pa:: i... e do filho ... e do Es::pi::rito Santo ... amém ... você tem que dar o primeiro passo ... "como assim padre"? ... FEche seus olhos:: ... porque um Deus mi::sericordioso ... -- imaGIne – JEsus:: ... porque é verDAde ele esTÁ de braços abe::rtos ... mas quem dá o primeiro agora é você ... "como assim padre?" ... vá em direção a Jesus:: ... e o abrace:: ... É o que ele pede ... faz Isso ... na SUa imaginação ... (vá abraçá-lo) ... e ao abraçá-lo Imediatamente aSSIM ele nos vê ... o mundo pode ... nos sujar ... mas Jesus nos vê ... crianças ... criança essa que ele pega ... no colo ... e ele diz:: ... – aliás ... ele coloca a mão no SEU coração -- ... e ele diz ... aqui está o seGREdo do louvor.. FAça de coração ... não apenas... do lá::bio ... da men::te ... mas do coração... e eu vou ficar em silêncio... verdadeiramente eu e você estamos no colo dele ... não é imaginação mais... agradeça ... NÃO peça ... aGOra não peça ... agradeça ... "padre cê/tenho certeza" ... no MÍnimo a sua vida ... agrade::ça ... NÃO peça ... agradeça ... eu vou usar/OUsar até dizer ... até as dificuldades ... que você está passan::do e já passou ...((pausa longa)) agora ... VOcê ... PEgue suas mãozinhas:: ... que agora somos criANcinhas no colo de Jesus ...e coloque-as no coração de Jesus:: ... e LOUve o senhor ... senhor eu te lou::vo ... agora estou em oração ... por essa mulher ... magoAda ... que foi traída pelo marido seNHOR ... e ELA tá agora louVANdo por esse marido senhor ... senhor eu te louvo ... por essa mamãe que

perdeu ... o filho ... assassina::do ... seNHOR ... ele foi/foi ... vi/vítima de uma ... chaCIna senhor...eu te louvo ... por e::la senhor ... para se liberTAR:: Jesus ... eu te louvo por essa esposa que perdeu ... o maRIdo senhor ... eu te louvo senhor ... que ela não vai reclamar MA::is senhor ... ela vai te louvar:: e o louvor vai/é a libertação de::la ... senhor eu te lou::vo ... por essa esposa que sofre TANto com esse marido ... eu te louvo por e-ssa ... SOgra ... que tá sofrendo TAN::to com a nora ... com o gen::ro ... senhor eu te louvo ... por esse cunha:::do por essa cunha:::da ... eu te louvo senhor ...-- o inverso --...o senhor mostra ... uma nora sofrendo MUIto com a so::gra ... LOUva por E::la ... LOUve ... LOUve ... senhor eu te LOUvo ... eu te louvo por essa pessoa que não fala ma::is ... com ... um/uma pessoa que era grande amiga não fala mais louva por e::la ... o segredo do louvor ... é quanto ma::is eu louvo ... MA::IS a GRAça de Deus aconTEce ... assim como ... (com) mais raiva eu vou sentindo ... eu posso acumular a ra::iva ... o::u me libertar:: ... esvaziar:: ... a decisão é Sua ... permaneça com a mão no coração de Jesus -- eu te louvo senhor -- eu te louvo por esse desempre::go senhor ... eu te louvo ... por essa situação diFÍcil financeira ... quantos que estão passando senhor ... (senhor eu te louvo) pelo novo santuá::rio -- cê sabe (né) senhor -- eu te louvo por tantas coi::sas ... eu te louvo por esse momento tão abençoa::do ... poder estar aqui ... e::: ... quem ama canta ... quem canta reza duas vezes ((Música- Te louvo em verdade)) você quer aprender o seGREdo? ... da oração? ... da vitória? ... LOUve ... e agradeça ... aqui está o segredo ... e é tão simples ... vou terminar ... nós estamos no colo de Jesus o tempo voando mas ... eu preciso ... no colo de Jesus ... e/expliCAR uma coisa para vocês ... QUAN::do vo-cê ... passa por uma situação difícil ... e você quer ... por SUa força ... resolver ... mais e mais você vai ... na AU::tossuficiência se machucando ... é como dar MUrro ... numa faca afiada ... você vai se machucar ... agora ... se você:: ... reconhece isso é humilda::de ... quando eu lou::vo ... eu me tor-no criANça portanto humilde ... e aí o PAi ... vem ... pega no COlo ... e aju::da a solucionar:: o problema ... aí está o segredo ... a decisão é sua ... enfrentar soZInho ... ou deixar esse Deus maravilhoso -- por isso aquela frase ... que CREsce agora e/em oração profunda ... “não diga a Deus ... o TAma::nho do seu problema” ... através do louvor ... e do agradecimento ... MOStre ... a esse problema seja ele qual for ... a grande::za ... do no::sso Deus... em nome do pa::i ... e do fi::lho ... e do esPÍrito san::to ... amém ... SIMples ... nosso Deus é

simples não complique meu querido não complique minha querida ... Deus É simples ... é só se entregar é só louvar...PREPARA A ÁGUA JÁ VOLTA::MOS

"A Viagem" - 06/09/2006 (quarta-feira) – 06090941 a 06090951

creia ... com maior carinho ... eu estou:: ... lançando uma semente:: ... com maior carinho ... com maior carinho ... eu estou semeando ... agora ... se você vai ... aceitar essa semente ... não depende de mim ... depende de você ... por favor ... PA::re o que você está fazendo ... TEnha essa experiência do louvor ... "padre mas louvar ... por uma doença por uma enfermidade?" ... Isso ... porque quando você lou::va você se humilha ... o que que é ... humilhar::? ... o que que é ser humil::de? ... é reconhecer os seus liMItes ... DE::us ... sem você é Deus ... e creia ... você sem Deus é nada ... NA-DA ... mas ele ... ah ... ele...fa::ça comigo ... em nome do pa::i ... e do fi::lho ... e do EsPÍ::rito San::to ... amém ...o nosso Deus é especial:: ... o NOSSO DEus ... é misericordio::so ... e eu convido você a fechar os olhos imaginar Jesus de braços ABER::tos ... EU não posso fazer POR você ... mas com você cê não imagina a alegria ... vamos abraçar Jesus? ... vamos? ... abra::ce-o ... esse é o PAsso ... es-sen-cial ... abra::ce... e ao abraçá-lo ... porque Jesus é Deus ... já não é mais imaginação ... pelo poder do espírito de Deus ... esta oração se torna realida::de ... essa imaginação ... e Deus nos vê como ... cri-an-ças ... este é o olhar ... e uma criança ... de quatro cinco anos não mais do que isso ((vozes parecidas com as de crianças brincando ao fundo))... ele se assen::ta ... e aí ele coloca a mão no seu rostinho ... e ele ... diz ... "agrade::ça" ... você tem a agradecer? ... eu vou ficar em silên::cio ... agrade::ça ... agrade::ça ... e OUso até (em) dizer ... até as dificulda::des ... ((música sacra))... senhor eu te louvo por esse câncer que voltou nessa pessoa senhor ... senhor eu te louvo ... por essa pessoa diabética ... prestes a perder um:: membro do corpo ... senhor ... eu te louvo por essa médica ... que está em depressão ... que devia até por sinal ir trabalhar hoje ... e não/nem levantou da cama ... senhor eu te louvo por esse executivo ... que foi ... demitido ... e a mamãe dele falou tanto desse momento ... ele tá me ouvindo agora ...senhor eu te louvo por uma loja ... uma loja inteirinha ... que PArô... parô MESmo ... literalmente ... pra ... louvar a

situação por sinal muito difí::cil ... perceberam – “mas padre ... você vai louvar por isso?” ... sim:: ... porque estou colocando esses problemas ... ao Deus que tudo po::de ... aos olhos ... do MUNdo ... impossível ... MAS:: ... quem lou::va ... conhe::ce o De::us ... do impossível quem Ama CANta ... e quem can::ta ... re::za duas vezes ... te louvo ... em verda::de:: ((música- Te louvo em verdade)) quer sair do por quê? ... lou::ve ... quer perdoar? ... lou::ve ... quer sair da depressão? ... lou::ve ... em verda::de ... nesse momento ... Jesus sor-ri ... Olha que sor-ri-so lin-do que ele dá ... ((Padre Marcelo também sorri) que bom que você está aprendendo ... QUANtos que passam ... essa vida ...e não aprendem ... é tão simples ... MEU PAI é simples EU sou SIMples ...o EsPÍrito é simples ... e ... aos humildes ... eu reservo o melhor:: ... lembran::do o que é ser hu-mil-de ... o humil::de reconhece os seus limites ... e Deus ... re/se/resiste aos soberbos ... aos auto suficientes ... ei você que abraçou Jesus ... abra::ce-o novamente ... e tenha certeza ... não diga a Deus o tamanho do seu problema ... agora ... nós estamos mostrando ao problema atraVÉS do louVOR ... a grande::za ... do no::sso Deus ... em nome do pa::i ... e do fi::lho ... e do EsPÍ::rito San::to ... amém ... Esse é o segredo ... te louvo EM verda::de::

“A Viagem” - 07/09/2006 (quinta-feira) – 07090942 a 07090950

eu convido você agora ... a parar um pouQUInho o que está fazendo ... “padre se esfriar o café?” ... depois você esquenta ... mas tenha certeza Deus vai aquecer a sua al::ma ... em nome do pa::i ... e do fi::lho ... e do EsPÍ::rito San::to ... amém ... Cleide você mudou ... --pelo seu testemunho -- a viagem de ho::je ... -- olha como aqui é se deixar guiar pelo espírito -- eu tinha uma idéia ... mas obedeço ao espírito de Deus:: ... feche os olhos ... e imagine Jesus ... mi::sericordio::so isso mesmo ... de braços abertos ... ESPERANDO o primeiro passo seu ... e meu ... qual é o primeiro passo? ... IR ao encontro dele imagine-se a/abraçan::do Jesus ... isso mesmo vá ao encon::tro ... e o abra::ce ... nos damos ... ele ele sempre deu o primeiro passo ... mas ... louvando e agradecendo nessa semana hoje NÓS damos o primeiro ... abra::ce... ao abraçá-lo ... porque Jesus é Deus ... ele nos vê criANças lembra que eu falei que a Francisca não tem ... sessenta e oito ... NEM o

Lineu setenta e quatro NÃO ... somos crianças ... é assim que ele nos vê ... crianças essa que ele pega no colo ... que ele (se aceita) ...olha BEM pra você ... e aí ... quais são as mar::cas que o MUNdo fez na sua vida? ... mostre para Jesus ... vou repetir ... louvando o senhor ... quais são as marcas ... que o mundo fez em você? ... MOS::tre para ele ... ((pausa longa.))meu Deus ... eu te entrego uma menina que foi vítima de violência ...ela foi abusa::da ... misericórdia ...senhor eu te per/mostro a pessoa que perdeu um dos pés ... a outra visão ... e Jesus ... e assim são tantas marcas ... é que o tempo passa tão rápido ... mas ... Jesus viu ... mas ele fa::la agora ...olhe em minhas mãos:: ... olhe os meus pés ... ele levanta o cabelo dele ... olha minha testa ... e por fim ... olha o meu coração ... eu deixei as minhas cha::gas ... conservei-as com meu corpo glorio::so ... pra mostrar pra você ... que o MUNdo quer deixar mar::cas ... de DOR:: na sua vida ... e eu posso ... transformá-las em mar::cas de amor ... como eu FIZ ... -- vocês escutaram hoje -- ... com o filho da Clei::de ... brigado Jesus ... tu tens esse po::der:: ... como ele fez com o Ronal::do é o nome do garo::to amém senhor ... ele quer fazer com você ... MAS PRA TRANSFORMAR ESSAS MARCAS QUE O mundo fez de DOR ... em amor ... você tem que aprender a ... a louvar ... eu me uno senhor a todo esse povo de Deus:: ... TRANSFORMA SENHOR as marcas de dor ... em mar::cas de sal-va-ção ... de amor ... ei você que tá sofrendo ... ei você que o MUNdo ... o faz ou a faz sofrer ((Música- Te louvo em verdade)) e quando eu louvo ... eu me coloco ... humildemente nas mãos de Deus ... que transforma nossas mar::cas de dor ... em mar::cas ... da gra::ça divina ... o que Jesus fez com RoNALdo ... porque a mãe creu ... Deus quer fazer com você ... com seu marido ... com a sua filha ... abrace Jesus agora abrace com MUI::to carinho ... abra::ce ... fique bem claro ... não sou eu (que faz) ... é esse Deus maravilhoso que NÓS abraçamos eu também ... só ele tem o poder de:: ... olha só ... o mundo nos MARca com a dor ... e ele pelas suas:: cha::gas:: transforma ... em marcas da graça divina ... em nome do pa::i ... e do fi::lho -- isso pra QUEM LOUVA -- e do EsPÍ::rito San::to ... Amém ... feliz aquele que... sabe o poder ... do louvor... e agradecer ... já voltamos

“A Viagem” - 08/09/2006 (sexta-feira) – 08090942 a 08090950

obrigado senhor ... que as pessoas estão compreendendo ... o quê? ... fa::ça comigo... em nome do pa::i ... e do fi::lho ... e do EsPÍri::to San::to ... amém ... feche os olhos ... o que que eles estão comPREENDENdo? ... QUAN::do você louva Deus ... você se faz:: ... humilde ... e o nosso Deus é misericordio::so ... imagine Jesus ... BRAços aBERtos ... esperando que você dê o primeiro passo ... porque ele deu TOdo o passo ... de você ele só quer um passo ... vai em direção ... a e::le ... e o abra::ce ... se dei:::xe abraçar:: por esse Deus como eu disse ... MI-SE-RI-COR-DI-O-SO ... eu não sei sua ida::de ... não perguntei (nem) pra Iara ... mas Ia::ra ... LÍlian ... nós temos ... pra Jesus ... quatro aninhos ... cinco aninhos ... somos crianças ... meu vovô que está acompanhando agora ... uma criança ... e criança essa que ... no CO::lo de Jesus ... somos coloca::dos ... e eu convido você ... -- vocês escutaram a Lílian? ... no início ela não entendia ... mas ela começou a louvar ... a louvar ... a louvar ... e uma nova for::ça foi vindo ... lou::ve a Deus ... louve-o pela sua dor ... louve pelos seus medos ... LOUve pela sua angústia ... e agrade::ça ... “pa::dre ... quan:::do eu lou::vo ... eu me tor::no humilde ... portanto humilde é se reconhecer ... saber seus limi::tes:: ... e aí o problema que estou passando ... se torna problema de Deus ... portanto eu mostro ao problema ... a grande::za do Deus ... em quem:: eu confio” ... Louve ... ei você com câncer louve ... senhor eu te louvo po/meu/por esse câncer ... senhor eu te lou::vo ... por essa dor de cabeça ... eu te louvo senhor pelas dores ... nas articulações não são juntas que você fala ... porque junta é de carro ... articulação senhor ... TO::ca senhor ... quem ama can::ta ... e que através desse canto ... -- e ontem arrepia::va no santuário ... santuário lota::do dentro e fora ... num Único louvor ... feliz aquele ... que na DOR ... sabe o poder do louvor ... e só saberá (quem) experimentar ...((Música- Te louvo em verdade)) feliz aquele que agradece ... é o que mais recebe ... olhe para Jesus:: ... olhe para Jesus ... te lou::vo senhor ... e te agradeço ... muitas coisas eu não entendo meu Deus ... mas eu te louvo... porque ... ao louvar ... eu digo ao MEU problema ... ou aos ME::US problemas ... a grande::za do senhor ... porque se eu ficar porque porque e brigan::do ... eu vou apanhar do problema ... e vou perder (desse) problema ... ah::: ... mas quan::do eu te lou::vo ... quando o louvo ... eu digo a esse problema ... a tua granDE::za ... e o teu poder ... ABRACE Jesus em nome do pai ... e do fi::lho ... e do EsPÍ::rito San::to ...

amem ... te amo Jesus ... e obrigado por poder ... me usar ... pra ensinar esse povo ... a te louvar:: Cabou não:: ... vem aÍ D. Fernan::do ...prepare a água ... já voltamos

"A Viagem" – 09/09/2006 – (sábado) – 09090944 a 09090950

atenção criancinhas de iDAde e de coração ... façam comigo ... em nome do pa::i ... e do fi::lho ... e do EsPÍ::rito San::to ... a-mem ... vamos fechar os nossos olhinhos? ... vamos? ... e imaginar Jesus ... e Je-sus:: é lin::do ... Jesus BRI::lha ... é o Jesus... misericordio::so ... de braços aBERtos ... dizendo ... vem ... VEM me abraçar ... vem ... eu vou e você? ... e as criancinhas de ida::de ... e as de coração ... ao abraçarmos Jesus ... nós ... não importa a sua idade einh? ... tem criancinha com dez anos ... nós ficamos com QUAtro aninhos agora ... BEM pequenininhos ... Jesus nos pega no co::lo ... e você diz para ele ... diz assim ... Oh Jesus ... eu te Amo ... FAla pra ele isso ... eu te lou::vo ... eu te agrade::ço ... I::sso ... como é importante ... né? nós papais ... né? papai mamãe ... -- falei assim ... porque eu também sou pai espiritual -- ensinar nossos filhos a agradecer obrigado ... recebeu uma graça? ... obriga::do ... alguém deu alguma coisa? ... obriga::do ... nós não somos crianças MAL cria::das ... mas BEM:: criadas ... e nesse momento ... o que você quer ... agra::decer a Jesus? ... obrigado Jesus ... por tudo o que o senhor tem derramado sobre nós:: sobre o papa::i sobre a mamã::e ... sobre nossa famí::lia ... sobre nossa vida ... MAS TE LOUVAMOS SENHOR ATÉ PELA DOR ... nós hoje ouvimos uma menina cantar:: ... "ainda se vier noite traiçoeira" ... e eu tenho aprendido ... através não apenas dessa música mas ... essa musica foi baseada no rei Davi ... rei Davi ... Deus ... -- quem não conhece a história DEle -- ... queria um ( ) rei e aí ele mandou o profeta ... sa/aliás o:: ele mandou Samuel ... que fosse ... né? numa casa visitar ... o pa::i de vários filhos ... e aí foi (lhe) apresentado um filho for::te e o ou::tro e o ou::tro ... o MEnorzinho ... o mais ... pequenino ... De::us escolheu que era Davi ... e Davi ... foi lutar contra GoLIas um giGANte ... e Davi porque unGIdo por Deus ... venceu ... o gigan::te ... Golias ... e o segredo de Davi ... é que diante das dificulda::des ... ele sabia em quem ele confia::va ... e depois (se) se tornou o grande rei Davi ... ele sabia que:: ... ele só era rei ... porque ele se

humilha::va ... diante do TOdo podero::so ... humilhar é reconhecer seus limi::tes ... e assim ele louva::va ((Música- Te louvo em verdade)) ... o segredo da vitória está em erguer as mãos:: ... como criancinha não importa a sua ida::de ... a um Deus que o ama ...o mundo pode querer fazer você chorar ... mas esse Deus te quer sorrindo então lou::vê .. este é o segre::do ... da vitória em nome do pai ... e do filho ... e do EsPÍ::rito San::to ... amém cabou não ... prepare a água ... crianças de idade e de coração ... já voltamos ABRACE Jesus ... isso ... com esse louvor de criancinhas ... aBRAce o senhor

ANEXO III - CD áudio – Seqüência semanal do bloco "*A Viagem*" (04/09 á 09/09) – Início (1'45'' - 04090937) a (1'33'' - 09090950)